TL 2142

UNIVERSIDADE MODERNA

DEPARTAMENTO DE CIENCIAS DO COMPORTAMENTO

LISBOA

SEMINÁRIO FINAL

A DIFICULDADE DE INSERÇÃO DAS FAMILIAS TIMORENSES NA SOCIEDADE PORTUGUESA

DOCENTE: PROF. DIOGO MOREIRA

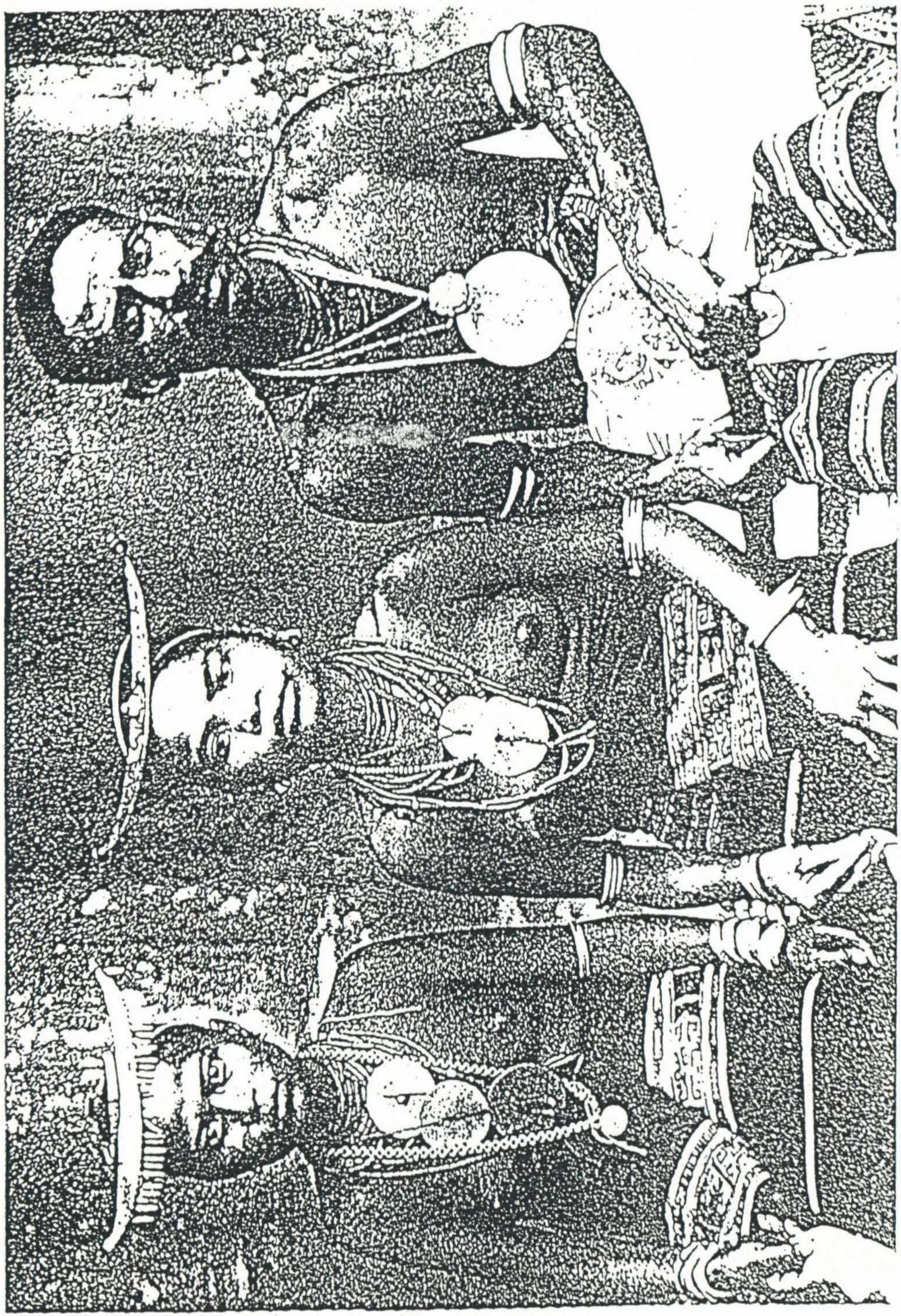
CURSO: INVESTIGAÇÃO SOCIAL APLICADA

CADEIRA: SEMINÁRIO

NOME: JÚLIA F. DE S.F. ALVES

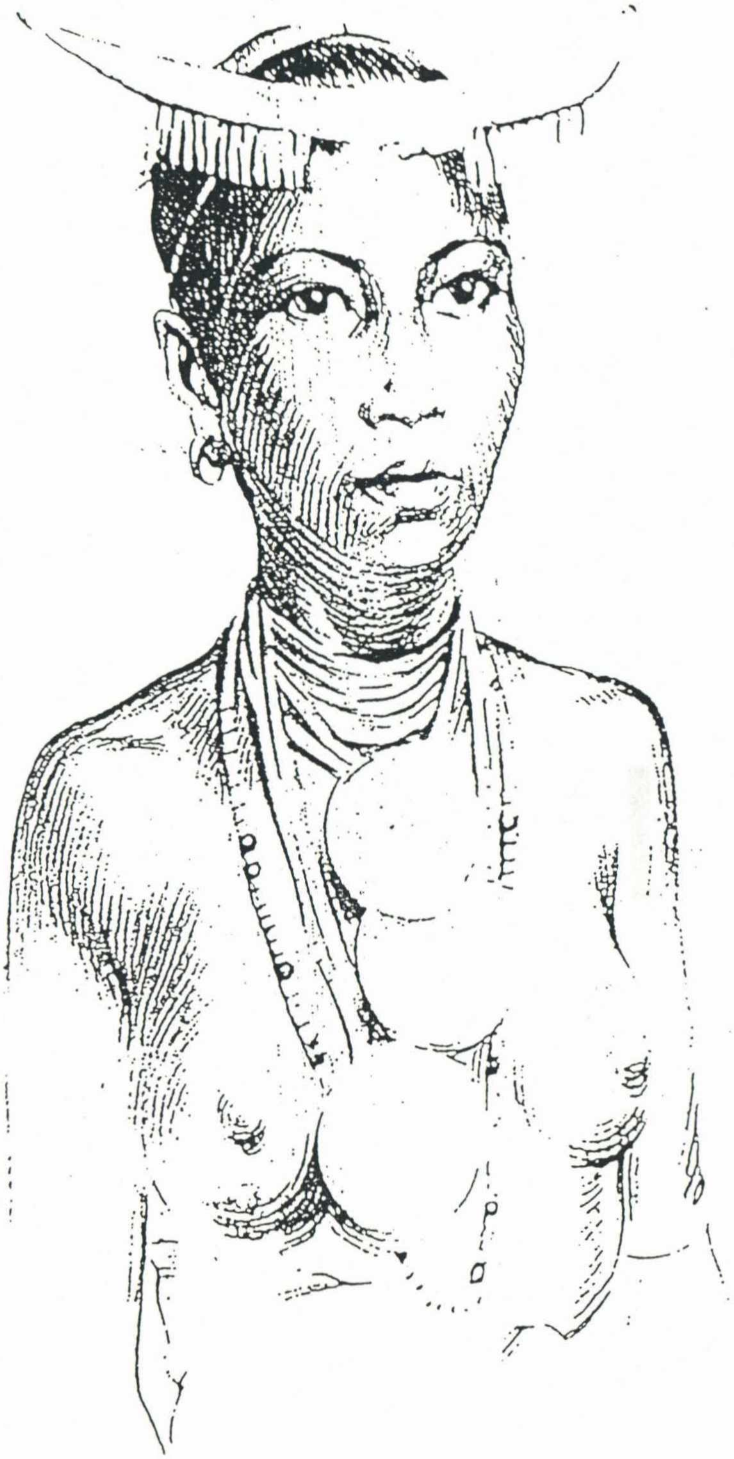
ANO: 4o.

NUMERO: 1686



Familia Bunaq de Bobonaro, Timor Leste

Fonte: H.A.E.Felgas, *Timor Português*, 1956, Estampa XL.



Rapariga Bunaq de Bobonaro, Timor Leste

Fonte: H.A.E.Felgas, *Timor Português*, 1956. Estampa XVI.

INDICE

PREFÁCIO 3
- CAPITULO I 5
  - INTRODUÇÃO 5
- CAPITULO II 8
  - BASES TEÓRICAS DA METODOLOGIA 8
- CAPITULO III 11
  - FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO PROBLEMA DA ADAPTAÇÃO FAMILIAR 11
    - A. A FAMILIA 11
      - 1. Aspectos biológicos e jurídicos . 11
      - 2. Família e Ambiente 13
      - 3. Família e Comunicacão 14
    - B. A ESTRUTURA SOCIAL 19
- CAPITULO IV 22
  - ARQUEOLOGIA DA EXPERIENCIA TIMORENSE 22
    - A. PRIMEIRA FASE (1946-1975) 24
    - B. SEGUNDA FASE (1975-1994) 32
- CAPITULO V 40
  - A DIASPORA TIMORENSE 40
    - A. DADOS DO TERRENO 40
    - B. ANÁLISE CULTURAL 53
      - 1. Situações 54
      - 2. Atitudes 55
      - 3. Estratégias 57

CAPITULO VI 61

SOCIOLOGIA E SIMBOLISMO DAS RELAÇÕES FAMILIARES TIMORENSES 61

1. Dimensões da Relação Humana 62
2. Projecto Histórico 63
3. Lisan ou Tradição 64
4. Festas 65

CONCLUSÕES GERAIS 68

ANEXO 71

"SAMPLE" DE QUESTIONÁRIO 71

BIBLIOGRAFIA 73

PREFÁCIO

Este trabalho intitula-se "As dificuldades de inserção das famílias Timorenses na sociedade Portuguesa". Trata-se aqui de estudar a dinâmica sócio-simbólica do processo de inserção dos Timorenses em Portugal.

A atenção do autor dirige-se para a dinâmica cultural, de modo particular sobre o mundo das relações, com todas as suas componentes sociais, políticas e económicas que incidem sobre a inserção social. A inserção de um grupo na sociedade global é um processo que ultrapassa as afectividades individuais. O autor escolheu para objecto de análise um núcleo representativo da comunidade Timorense do Concelho da Amadora, um universo de cerca de 54 familias, das quais 16 foram directamente observadas como "sample" ou exemplares da problemática.

O autor está consciente de que este trabalho sobre a integração social dos Timorenses é apenas o esboço gráfico de uma realidade bem mais complicada do que se possa imaginar e descrever em termos sociológicos, ou em apreciações estatísticas e que não pode estar isolada do seu contexto global. Há muitas questões sem resposta, pelo menos por enquanto, e muito menos soluções fáceis.

Trata-se simplesmente de uma proposta de análise, segundo uma metodologia sociológica, que na tradição de Durkheim, se interessa pelos factos como fonte do saber, que por sua vez, é a origem da transformação social, cultural e humana. Esta preocupação com a realidade foi também minha.

Este trabalho de interpretação sociológica não teria sido possivel sem a ajuda e as orientações de muitas pessoas. Gostaria de mencionar o Professor Diogo Moreira, cujas aulas foram sumamente esclarecedoras sobre o facto social, como nucleo do objecto da ciência sociológica, e sobre a observação empírica como metodologia intrinsecamente necessaria para a compreensão da sociedade. Para ele vão os meus sinceros agradecimentos; o Padre Apolinário Guterres, que me apoiou de vários modos durante estes quatro anos de estudos universitários; os Colegas de turma que criaram um ambiente favorável para o estudo científico. De um modo especial quero agradecer à minha Família, que me deu a vida e proporcionou oportunidades maravilhosas para o meu desenvolvimento integral. Este trabalho é o fruto do seu amor, para o qual a minha gratidão não é paga suficiente. Na vida há coisas que não se agradecem, apenas se vivem. Por último, as Familias que foram os sujeitos da minha investigação: a disponibilidade e a abertura para partilhar comigo as suas aventuras e os seus problemas diários de toda a ordem, foram para mim uma razão a mais para um estudar sériamente a realidade social. Para todos um obrigado sincero.

CAPITULO I

INTRODUÇÃO

Em 1975 a Indonésia invadiu Timor Leste, e desde então vigora um estado de ocupação militar de uma ditadura de direita animada por modelos islâmicos de cultura.[1] À invasão seguiu-se a ocupação, à qual os Timorenses têm procurado resistir durante estes últimos vinte anos. Como sempre há vitimas, mortes e refugiados. Estes últimos dividem-se em refugiados internos e externos: os refugiados internos circulam de uma localidade para outra no território, procurando soluções de curto prazo a problemas de sobrevivência e de dignificação. Os outros optaram por soluções a longo prazo: sair de Timor-Leste.

O núumero das vítimas da guerra durante os primeiros cinco anos da invasão atingiu cifras muito elevadas: fala-se de cerca de um terço da população. As causas imediatas foram a guerra militar e económica: combates, fome, doenças, mal-nutrição, torturas físicas e psicológicas nas prisões e nas chamadas "aldeias estratégicas".

A esterilização forçada limita o crescimento proporcional dum modo mais directo. Numa palavra, é um genocidio organizado.

---

[1] Há diversos modelos islâmicos de cultura: o do Médio-Oriente, o da Africa, o da Asia em geral, e particularmente o da Indonésia. A Indonésia é o maior país islâmico do mundo, em termos de população. O seu islamismo caracteriza-se por uma flexibilidade cultural notável: a religião deixa-se influenciar pela cultura local, neste caso, a cultura javanesa. Em relação ao poder, o islamismo indonésio assumiu a concepção javanesa do poder, ligado ao feudalismo. O poder, reduzido à mera força bruta, significa automáticamente legalidade. Na questão de Timor a legalidade foi abafada pela força bruta.

A marginalização dos Timorenses da vida pública, tanto dos meios de decisão como de acção econúmicos contribui largamente para o empobrecimento e o enfraquecimento das potencialidades humanas Timorenses, enquanto as riquezas naturais são também exploradas pelos invasores. É óbvio que o invasor conta, sistemáticamente com o "apoio" de colaboradores Timorenses.

Os colaboradores são uma élite que procura ganhar com a situação, para proveito tanto do invasor, como deles próprios. È este paradigma (ou modelo de interpretação) do colaborador que explica muitos sucessos do invasor, e não só: explica também a dinâmica interna da Comunidade Timorense, tanto no território, como no exílio, porque há colaboradores dos indonésios, tanto em Timor como em Lisboa. Fundamentalmente a colaboração nasce a partir de rivalidades internas dos Timorenses. Por um lado são os invasores que promovem a rivalidade interna. Por outro lado, é a psicologia local que explica a orientação dos negócios políticos, sociais e culturais da relação entre Timorenses e invasores.

A guerra e as suas consequências foram as causas de uma forte "hemorregia" social e cultural: muitos Timorenses começaram a aproveitar as escassas autorizações para sair do território, através da mediação de instituições tão diversas como a Cruz Vermelha, a Igreja Católica ou instituições das Nações Unidas. Portugal tornou-se para muitos o primeiro destino. Outros dirigiram-se para a Austrália. Pela primeira vez na história pode-se falar de uma diáspora timorense. Fala-se de mais de 20.000 Timorenses espalhados pela Australia, Portugal e outros países, nomeadamente Moçambique.

Hoje em dia, muitos Timorenses em Portugal olham para a Austrália como um novo horizonte de esperança. As raízes desta nova "emigração" encontram-se na dificil integração na sociedade Portuguesa. Integração é o novo nome dos problemas enfrentados pelos Timorenses em Portugal.

O problema da integração é uma convergência de problemas. É sobre esta convergência de problemas que o meu trabalho se vai ocupar. Por outras palavras, trato do problema da adaptação nas suas dimensões sócio-políticas, económicas e simbólicas.

CAPITULO II

BASES TEÓRICAS DA METODOLOGIA

A técnica da recolha de dados foi o inquérito por questionário, entrevistas, com a observação participante e a observação directa, para além da experiência pessoal.[2] O diálogo com os participantes nas entrevistas conduzidas forneceu a maior parte do material, que, embora importante para a interpretação sociológica, não é quantificável em estatísticas. Esse material será aqui exposto na secção da análise cultural.

Em sociologia o que importa são os factos[3], tanto aqueles sociólogicos como psicológicos[4]; os factos estão por sua vez relacionados aos símbolos que dão coerência e significado aos factos. O respeito à bandeira é um símbolo, indica para outros valores (o patriotismo) que não se vêeem. Os factos são produto da sociedade e dão origem às relações sociais. Não estamos portanto, diante de factos brutos sem o investimento de sentimentos pessoais e humanos. Pelo contrário, os factos sociais são factos emotivos. Quero dizer com isso que são factos em que a pessoa humana, no seu todo, está envolvida.

Se os factos são relações, essas pressupÕe uma história. Mais, as relações humanas é que fazem história. Esta palavra tem muitos sentidos. Para ss cientistas sociais a história é muito importante para entender a dinâmica social dos povos e das sociedades; de tal modo que só o estudo dos desenvolvimentos históricos pode fornecer o saber e uma evaluação profunda das relações sociais do presente. A historia é um movimento dinâmico das sociedades. Uma sociedade revela-se naquilo que os seus membros fazem como sociedade, como Povo, como uma colectividade. São os homens que dão sentido aos acontecimentos e à vida em comum: é esse o processo que nós chamamos fazer história. História e cultura estão por isso profundamente relacionadas.

---

[2] Barata, Introdução às Ciências Sociais, Lisboa, 1991, Vol. II, p. 147-184.

[3] Por outras palavras, a objectividade dos factos sociais, interpretados à luz das teorias histórica e cultural.

[4] Barata, *Op.cit.*, p. 44.

Existem pelos menos dois modos de enfrentar a historia de um povo: o primeiro é o modelo genético, de continuidade entre o passado e o futuro (o passado gera o futuro), em que cada passado tem consequências num presente. Os actores não são indivíduos isolados. Essa continuidade exprime-se através da expressão tão comum: "foi sempre assim". O segundo modelo de historicidade é o modelo da rotura. A expressão que exprime bem essa atitude é "nunca mais". Corta-se a continuidade lógica [5], cronológica[6] e genética[7], entre o passado, o presente e o futuro. Mas isso só acontece na interpretação. Porque tudo é história, e tudo tem uma história, tudo tem um passado. Estes dois modelos referem-se a um contexto cultural determinado, a uma maneira de reagir diante dos acontecimentos.[8]

---

[5] É lógico que o presente vem depois do passado e o futuro virá depois do presente.

[6] Existe uma sequência ou uma ordem cronológica: primeiro o passado, depois vem o presente, e virá o futuro depois do presente.

[7] É o passado que define o presente, e ambos, o passado e o presente, definem o futuro. Em termos genéticos, o passado gera o presente.

[8] F. Jacob, *Anthropology and History*. Trabalho Inédito. Universidade de Oxford, 1994, p.2-5.

Para os Timorenses que vivem em Lisboa, estes dois modelos alternam-se, criando um certo sincretismo cultural (uma mistura) nas suas acções sociais. Existe uma continuidade com Timor, mas ao mesmo tempo rotura, pelo menos física. Por outras palavras, vivem em Lisboa, mas estão ausentes em Timor. Por isso, é importante entender a historia recente de Timor para entender os grandes dilemas da inserção dos Timorenses na comunidade Portuguesa.

Para concluir, o termo "história", é utilizado aqui em duplo sentido: primeiro, história é a consciência de um povo e essa consciencia é operativa na vida social. È uma consciencia colectiva ou uma representação colectiva da sociedade (imagem de si mesma) diante de si mesma. Segundo, a historia é reconstrução de um passado no tempo cronológico. Ambas as dimensões estão subentendidas neste trabalho que encara os factos sociais como relações e como comunicação. Os factos sociais têm a característica de serem históricas.

CAPITULO III

FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO PROBLEMA DA ADAPTAÇÃO FAMILIAR

A. A FAMILIA

1. Aspectos biológicos e jurídicos

"Em todas as sociedades, a família e os laços que por via dela se criam entre indivíduos e grupos constituem elementos fundamentais de agrupamento e diferenciação social".[9] No seu livro sobre a *Estrutura Social* (escrito em 1949), Murdock defende a tese de que a unidade de base de todas as formas de agrupamento familiar é a família nuclear, compreendendo um casal e a sua progenitura, sendo a família caracterizada por uma residência comum, pela cooperação económica e pela reprodução. Robin Fox defende outra tese, limitando essa unidade básica à mãe e ao filho, porque segundo ele, essa relação mãe-filho é inevitável e um dado de facto. O laço conjugal, pelo contrário, é variável.[10] Harris pretende solucionar o problema criando ainda a distinção de família nuclear (pai, mãe e filhos) e família elementar (unidade solidária formada pelos membros de uma família nuclear).[11]

Sem avançar nenhuma ideia nova sobre a polémica, eu quero frisar a importância da tese de Murdock, nas consequências as implícitas na sua definição. Trata-se do aspecto social ação conjugal, que produz a prole.

---

[9] Barata, *op.cit.*, p. 7.

[10] Barata, *op.cit.*, pp.9-10.

[11] Barata, *op.cit.*, p. 10.

ssa união conjugal é uma união (um acto) social, e não esmente um acto ou facto biológico, que é dado. A prole da relação. Essa mesma relação é não só biológica, mas m social. E por isso, como acontece entre muitos povos cionais, o matrimónio[12] é um acto de aliança entre dois os sociais, que por assim dizer se tornam parentes. Ficam entados. Constrói-se uma relação social, alargada, na qual mília nuclear se insere.

m torno do problema biológico está claro que não há iguidades: uma criança nasce da união do homem e da mulher. isso o homem e a mulher (aspecto biológico) são os únicos ectos universais do matrimónio: fora disso, tudo quanto se ere a práticas culturais, rituais, económicas que existem pelo ndo fora em diversas culturas, são completamente diferentes. istem semelhanças entre diversas culturas, mas toda a cultura resenta a sua própria auto-compreensão e prática.

Cada facto social tem em si todas as componentes das iversas dimensões da vida social, tais como a dimensão eligiosa, cultural, política, social, económica. O melhor xemplo para isso é exactamente o matrimónio. No matrimónio, há ermutas económicas, os bens passam de família para família, sobretudo nas sociedades chamadas "tradicionais". As mulheres passam de uma família para família, e são elas o centro das ções entre as famílias, porque é em base nos matrimónios que fundam as relações entre os diversos grupos.

---

[12] O matrimónio indica para o acto legal ou jurídico da união, e não só para o aspecto biológico dessa mesma união, que é a coabitação ou união sexual.

Isso seria o que em Timor se chama *barlaqi*[13], que segundo as s modalidades de "pagamento", é *hafoli* ou *habani*, dois atutos em que a posição do marido é variável. Estes dois atutos jurídicos são determinados em base ao contracto trimonial entre duas famílias. Esse estatuto jurídico determina tipo de relações sociais entre essas famílias. O matrimónio é mbém um rito, um acto religioso. Mas é também um acto político: famílias ou as tribos unidas pelos matrimónios tornam-se liados políticos. O matrimónio é portanto um facto social onde odemos ver simultâneamente várias dimensões da vida social.

2. Família e Ambiente

Toda a sociedade está dependente do seu meio cultural. Não só a cultura, mas também a geografia e o clima determinam a configuração da sociedade. Os homens adaptam-se ao seu meio ambiente. A adaptação garante a sobrevivência, como espécie humana, como grupo social, como pessoas com certa identidade. As transformações sociais dependem deste processo de adaptação. Este mesmo processo de adaptação influencia o tipo de valores religiosos e culturais das pessoas ou dos grupos sociais em questão. A sua filosofia é influenciada pelo meio ambiente; também a vida económica é influenciada pelo ambiente. A relação com o meio-ambiente transforma as pessoas, os seus sistemas de classificação, os seus simbolismos, a sua interpretação do mundo, e a sua participação política, e assim por diante.

---

[13] Jorge B.Duarte, Barlaqui. In *Seara 2* (Nova Série), Díli, 1964, pp.92-119.

Todo o povo está ligado a uma terra. No caso dos Timorenses, ainda mais, porque a terra natal tem um caracter sagrado. Uma terra comum faz um povo. Matrimónios, hospitalidades, apoio mútuo e religião, ajudam a dar um sentido de comunalidade, a tal ponto que é por exemplo difícil separar assuntos familiares de assuntos políticos. E no caso de Timor, isso é suficientemente claro. A agregação familiar é também agregação política. Um exame das relações políticas dos Timorenses mostra como o parentesco influi na sua interpretação e participação políticas.

3. Família e Comunicacão

Este aspecto comunicacional (que transmite e recebe mensagens, códigos, símbolos) é o núcleo do problema desta tese, que são as dificuldades de adaptação das famílias Timorenses em Portugal. A adaptação é fundamentalmente um problema de comunicação tanto a nível macro (sociedade) como a nível micro (família). Vejamos quais as bases sociológicas para entender a importância do relacionamento social da família.

A família é entendida como o núcleo social que se caracteriza simultâneamente por uma regularidade de cooperação económica, social, de relações afectivas, de transmissão de normas e de valores, comungados por todos os membros que vivem nesse espaço "geográfico" da casa familiar. Neste quadro a Familia é perspectivada como uma unidade dinâmica: o seu equilíbrio está sujeito às condições individuais dos seus membros e da sociedade na qual se geram alterações ao nível das estruturas e das actividades dos seus membros. A Família é portanto um sistema de relações e de comunicação, que comporta todos os riscos da ambiguidade e de conflitos internas à família, mas também provocado por factores externos ou sociais.

Quando no sistema familiar a tendência é de clarificar as ambiguidades implícitas na comunicação, aumentam as possibilidades de ordem e de equilibrio no sistema. A ordem e o equilíbrio são factores importantes para a estabilidade do sistema familiar e social. Se, pelo contrário, a tendência é para uma sistemática conflictualidade, aumentam as possibilidades de desordem e desequilíbrio no sistema. A adaptação da família na sociedade maior é negativamente afectada. A socialização primária (na família) desenvolve-se em função da relação que se estabelece na familia: esta depende do processo da comunicação.

Para além do processo de comunicação dentro da família, existem outros factores que estão relacionados com a participação na sociedade: a estabilidade económica de um salário, a educação formal, a assistência sanitária, a participação social, o equilíbrio psicológico, e a integração cultural. Se todos esses factores (internos e externos) afectarem negativamente a estrutura da família - provocando desgastes no seu complexo sócio-psicológico - o próprio processo da socialização da família e dos seus elementos será posto em causa com consequencias negativas para o equilibrio emocional e afectivo, para a estruturação e desenvolvimento psicológico dos indivíduos e mesmo do grupo.

As diferentes influências (culturais, políticas, religiosas) que actuam sobre o sistema familiar provocam padrões de comunicação que determinam os (vários e variados) tipos de relação. A interacção familiar e social é afectada por essas influências. No caso negativo, esses padrões de comunicação tornam-se patológicos, provocando assim uma adaptação negativa na sociedade e a falta de equilíbrio ou desordens psico-sociológicas.

A comunicação pode ser entendida como o acto de participação de pelo menos dois actores (agentes) em algo de comum entre eles. Esta participação é assente numa codificação dos simbolos, expectativas, experiências e valores de ambos. Distinguimos a "comunicação" da "informação", visto serem fundamentalmente diferentes no processo da participação. A informação é o acto de divulgar, esclarecer e dar conhecimento de dados a alguém: é um processo que se caracteriza por uma continua "objectividade", em que não há envolvimento directo dos actores enquanto "pessoas em relação" - ou por outras palavras, não estão "comprometidos".

A comunicação, pelo contrário, é "entrar em relação": é um processo de participação e de envolvimento com carácter histórico-afectivo. Com isso quero dizer, que a participação é efectiva, porque é afectiva. Exemplo clássico desta dinâmica é a relação entre o homem e a mulher, ou entre pais e filhos. Isso transforma a relação, faz com a que a relação se torne humanizante, duradoira, positiva, construtiva, e total, afectando todos os campos da vida em comum e todas as dimensões (espirituais, sociais, culturais) do homem.

O papel da participação afectiva é central, porque nela são delineadas as intencionalidades dos membros do grupo ou participantes da relação, evidenciando, para além das semelhanças positivas, também as diferenças contrastantes. A descoberta da diferença pode ser um actó muito positivo, mas também pode pura e simplesmente degenerar em conflictualidade destructiva. Tudo isto pode acontecer tanto a nível micro, na família nuclear, como a nível macro, na dimensão social e colectiva da vida humana. Os objectivos dessas diversas intencionalidades dos participantes do processo comunicativo determinam o própio processo e as possibilidades do seu sucesso.

Resumindo, é importante frisar que as condições socio-psicológicas em que vivem os membros da família (sociais, culturais, políticas, religiosas) são decisivas para a comunicação e para a participação. Só assim podem transmitir as suas intencionalidades, gerar relacionamentos positivos e construtivos. As experiências internas da família Timorense, tanto sociológicas como psicológicas determinam o tipo do processo de adaptação e de integração na sociedade Portuguesa.

È importante frisar ainda outro aspecto. As experiências internas têm um contexto; elas inserem-se na estrutura social. Existe uma dialéctica forte: a inserção positiva (ou a adaptação) exige certas condições. Estas são, por exemplo, um trabalho e um salário, habilitações literárias, saúde, bom comportamento, uma casa, a sensação de liberdade e de justiça, possibilidades de um bom futuro ou uma carreira professional. Mas estas condições dependem da inserção real. E sem inserção real, as condições mínimas necessárias não existem: é um círculo vicioso.

A inserção por outras palavras depende da estrutura social que deve oferecer possibilidades para a resolução dos dilemas sociais, económicos e culturais. Os serviços sociais de assistência são estruturas que muito podem fazer para a inserção das famílias na sociedade.

B. A ESTRUTURA SOCIAL

A família, como vimos está inserida na estrutura social. Os credos, as ideias, as esperanças de uma sociedade estão espelhadas na estrutura social. Esta mostra o que uma sociedade é ou não é, aquilo em que acredita ou não acredita. Por outro lado, são as ideais que dão forma à estrutura social. A religião cristã por exemplo influenciou muito a estrutura social europeia, desde a Idade Média até aos tempos modernos.

Quando falamos de estruturas socias, falámos também de instituições sociais, em que há participação, feita possível por uma cultura comum. No caso dos Timorenses, a cultura comum com os Portugueses é a cultura Portuguesa. Os Timorenses participam na cultura Portuguesa. Os Portugueses pelo contrário não participam intrínsecamente na cultura Timorense. Eles conhecem os Timorenses, mas não são e não se sentem culturalmente Timorenses ou orientais. Portanto é da parte dos Timorenses que há uma dupla participação: eles participam em duas culturas.

Os problemas relacionados com a inserção dos Timorenses na cultura Portuguesa são múltiplos, mas podem-se reduzir a duas dimensões essenciais: essas dimensões são a dimensão económica e cultural. Elas afectam directamente a vida do dia a dia, e influenciam diversas áreas da sua vida, tais como o seu equilíbrio psicológico, o sentimento de realização pessoal, perspectivas de um futuro. Todos estes elementos têm um papel de primeira ordem, são importantes, no processo da adaptação, que é simultâneamente um processo económico, cultural e político. O aspecto económico não é o único problema.

Essas dimensões (económica e cultural) afectam o quotidiano de cada família. Segundo Berger, "a realidade da vida quotidiana está organizada em torno do 'aqui' de meu corpo e do 'agora' do meu presente. Este 'aqui e agora' é o foco de minha atenção à realidade quotidiana".[14] Mas ele acrescenta que a realidade da vida diaria abrange muito mais do que está aqui e agora. Coisas ou pessoas, que não estão aqui e agora, também fazem parte da minha realidade quotidiana. Esta realidade quotidiana é um mundo objectivo e ao mesmo tempo subjetivo. Pode-se pensar que o que vemos no dia a dia é a unica realidade: mas o que não se vê é também realidade.

O tempo e o espaço também definem a realidade da vida quotidiana. Coisas do passado fazem parte do presente. Experiências do passado estão presentes em todo o processo. Isso influencia a linguagem, os costumes, as memórias, as lembranças, ou por outras palavras, elas formam o universo quotidiano. A realidade da vida influencia a interpretação do mundo, e por outro lado a nossa interpretação define a realidade de uma certa maneira. Tudo o que se sabe, ou por outras palavras, a experiência, faz parte da vida das famílias e dos grupos socias: a experiência influencia a maneira da adaptação das famílias ao meio em que vivem.

Por outras palavras é a interpretaçãao da realidade portuguesa pelos Timorenses, que vai decidir se eles se adaptam em Portugal ou não. Também os Portugueses se definem e definem os Tiorenses neste processo de inserção social.

---

[14] P.L.Berger e T.Luckman, *A Construcção Social da Realidade*, Petrópolis, Brasil, 1985, p. 39.

A atitude Portuguesa influencia o carácter da adaptação dos Timorenses, o seu sucesso ou o seu fracasso total ou parcial. Não é possível fazer aqui uma análise detalhada do papel e da actuação dos Portugueses nesta tese de Seminário. Limitar-me-ei a citar uma passagem ilustrativa:

> O comportamento das autoridades portuguesas em 1974 e 1975 radicou num profundodesconhecimento do povo timor, da sua cultura, dos seus valores, da sua especificidade, em suma, do seu nacionalismo emergente. Dessa incapacidade de ver e sentir resultaram as hesitações e os silêncios, as complacências, a desorientação, os nossos erros políticos. Ao observarmos o movimento diplomático ou a maioria das declarações públicas, surge um sentimento difuso de que se tende a relembrar o problema de Timor, esquecendo os timores.[15]

Limitar-me-ei neste trabalho ao que se refere aos Timorenses. E para entender o esforço de adaptação dos Timorenses, é preciso entender a sua experiência. Estas porém têm uma história e uma arqueologia próprias que passo a descrever no capítulo seguinte.

---

[15] L.T.Pereira, Timor é nosso? In Jornal *EXPRESSO*, 29.04.1987.

CAPITULO IV

ARQUEOLOGIA DA EXPERIENCIA TIMORENSE

Para uma compreensão global da problemática da integração dos Timorenses em Portugal, é necessário entender os precedentes culturais e históricos da vida cultural dos Timorenses. O que eu chamo a "arqueologia da experiência Timorense" refere-se à busca dos antecedentes dos seus problemas actuais. Quando se fala de arqueologia pensa-se em coisas muito antigas e escondidas, que é preciso descobrir. A experiência Timorense a que me refiro é recente (falo do período de 1939 a 1994), mas é profunda e escondida. Por isso chamo à análise dessa realidade uma "arqueologia". Limito a minha análise a dois periodos: primeiro, o periodo do pós-guerra de 1939-1975 e a seguir, o de 1975-1994. Estas duas épocas são lógica[16], cronológica[17] e culturalmente ordenadas.

O Prof. Barata, efectivamente escreve que na socialização se trata pois "de aprender os elementos básicos da cultura do grupo em que se nasce e as regras particulares ligadas à sua própria condição no seio desse grupo".[18] Ele cita Linton, grande especialista americano da psicologia cultural, o qual escreveu que a maneira como um dado individuo participa na cultura da sua sociedade não é ao acaso: "são o lugar que ele ocupa na sua sociedade e o modo de como ele foi preparado para o ocupar que principalmente determinam" a participação do indivíduo na cultura da sua sociedade.

---

[16] Uma não pode existir sem a outra.

[17] Uma vem depois da outra em termos cronológicos.

[18] Barata, *op.cit.*, pp. 276-277.

A experiência durante o período colonial Português,[19] foi muito diferente do período seguinte, isto é a invasão e a ocupação militar de Timor Leste. Em todos estes acontecimentos os Timorenses participaram com diversos estatutos (como colonizados, prisioneiros, livres, etc.), com um papel bem claro. Mas o estatuto mais fortemente vincado na psicologia cultural Timorense é o estatuto de vítima. Os Timorenses sentem-se vítimas.

---

[19] No período colonial incluo o período imediatamente a seguir, isto é, a guerra civil provocada pelo golpe militar da UDT, que durou dois meses (Agosto e Setembro de 1975), e o breve governo *de facto* da FRETILIN (de Setembro a Dezembro de 1975).

A. PRIMEIRA FASE (1946-1975)

O estudo da experiência Timorense nesta primeira fase e na segunda fase será concentrado numa análise focalisada sobre a cidade de Díli. A minha análise parte da ideia da "cidade". A cidade é um lugar onde vivem grandes massas, grandes grupos humanos que não se conhecem perfeitamente. Esses grupos não são homogéneos. A razão que me leva a esta escolha teórica (o paradigma da cidade)[20] é a ideia de que os Timorenses estão a viver numa cidade: Lisboa. Eles vieram de Timor, um país onde a mentalidade é tradicional e agrária, em transição para uma sociedade mais moderna.

O conceito de cidade é importante para a análise da sociedade Timorense em transição de uma situação rural para uma situação urbana. A análise das mentalidades explica muitos movimentos sociais que acompanham as transformações sociais. Os Timorenses sempre viveram num contexto de "cidade" de Dili, ou então de "vilas" do interior e de "sucos".[21]

Em Portugal os Timorenses vivem maioritáriamente em Lisboa, com tudo o que isso implica de cultura urbana. É necessário analisar a "Dili portuguesa" (que foi o cenário da experiência social da maioria dos refugiados que vieram para Portugal) para compreender a "Lisboa timorense", ou como escreve Filomeno Jacob, é preciso analisar a «urbanidade diliense».

---

[20] Por paradigma da cidade eu quero dizer o seguinte: a cidade não é só um conjunto de casas e de estradas. È uma maneira de viver em sociedade, com valores diferentes dos "sucos" de Timor, portanto com problemas e expectativas diferentes. Por outras palavras, a cidade é uma mentalidade, como a aldeia é outra mentalidade.

[21] "Suco" é uma palavra com pelo menos três significados. Primeiro, designa um clã, um povo, uma identidade; segundo, a palavra indica para o aspecto da organização social. O "suco" pode fazer parte (mas nem sempre) de um grupo maior, como por exemplo, um regulado; terceiro, "suco" é um aglomerado populacional, indica o lugar onde as pessoas habitam. Uma das mais importantantes características do suco é a sua solidariedade interna. O individualismo não têm lugar no suco.

Segundo Filomeno Jacob[22], a história social de Dili dividese em três períodos: o primeiro compreende o período que vai da transferência da capital de Lifau para Díli em 1792 até 1939; o segundo vai desde 1939 a 1974; o terceiro concerne o período actual, o mais crítico de toda a história económico-política e sócio-cultural de Timor Leste, de 1974 até ao presente. Eu tratarei brevemente dos dois últimos períodos, desde 1939 a 1994, ano em que chegaram a Lisboa os últimos refugiados vindos de Timor Leste.

Hélio E. Felgas, um capitão do exército Português, que esteve em serviço na então Província, atesta que a "concentração urbana" não era o aspecto mais impressionante da colónia.[23] O governo da Província estava ocupado com a reconstrução de um território devastado pela guerra e pela ocupação japonesa. A Díli «civilizada» de Felgas era constituída só pelos "brancos", os portugueses e alguns estrangeiros, e pelos «amarelos», os chineses. O desenvolvimento urbano devia ser muito lento, pois responderia na medida do necessário e do possível às necessidades de consumo dessa minoria da «população civilizada».

---

[22] F. Jacob, *Análise Weberiana da Cidade de Dili*. Trabalho Inédito. Universidade Gregoriana, Roma, 1988, p.1.

[23] H.A.Esteves Felgas, *Timor Português*, Agência Geral do Ultramar, Lisboa, 1956, pp.339-353. Este livro é utilisado como referência para a minha análise por uma razão fundamental: ele exprime os pontos de vista do governo colonial dos anos imediatamente após a segunda guerra mundial. Essa análise é válida mesmo ao longo dos anos sessenta. Fundamentalmente pouco se fez e o tempo foi passando, explicando-se assim o atraso em que se conservou o território quando se deu a revolução dos cravos em 1974.

Portugal recuperara o território depois da segunda guerra mundial; como escreve Filomeno Jacob, "a incapacidade económica agravada pela distância geográfica e pelo desinteresse político sempre cada vez maior, obliteraram todos os esforços efectuados no sentido de um verdadeiro desenvolvimento do território. A lógica interna do colonialismo é a explicação"[24].

As teorias sobre o desenvolvimento das cidades baseiam-se geralmente na oposição entre a cidade e a aldeia, ou na mentalidade de cidade contraposta à mentalidade de aldeia num contexto dinâmico de transformação social e cultural. Para Felgas, Dili é a única «cidade» de Timor. O resto é aldeia. Toda a actividade económica, administrativa, política e militar concentra-se em Díli num circulo especializado dos civis e militares portugueses e dos comerciantes. Como acertadamente diz Guy Rocher, esse sistema é uma das bases e fundamentos do colonialismo e da «acção civilizadora». A dominação pela superioridade «técnica», manifesta-se na organização urbanística: a separação dos bairros europeus e indígenas ilustra a separação fundamental da cultura.

Aplicando a teoria de Guy Rocher, em Díli não há relações mundanas ou recreativas do dia a dia entre os Timorenses e os Portugueses. Não falo da classe dos "assimilados" (os que assimilaram a cultura portuguesa), dos "instruidos", que teóricamente passaram a fazer parte do "bairro europeu", tanto geográfica como ideologicamente.[25] Falo da maioria da população, que ficou à margem. A tese fundamental desse processo é a transição da "aldeia" para a "cidade", do "atraso" para a "civilização". A zona dos «civilizados» era a zona residencial do Farol e as colinas adjacentes à cidade. Os Chineses que detinham o comércio espalhavam-se pelo centro. A população indígena fazia o "cordão de segurança" destas duas élites".[26]

---

[24] F. Jacob, *op.cit.*, pp.6-7.

Os Timorenses resolveram o seu problema da marginalização com o isolamento. A administração Portuguesa, apesar das suas boas intenções foi demantelando progressivamente as estruturas culturais e políticas Timorenses. Todavia, isolando-se nas montanhas, o Povo Timorense preservou-se nas suas crenças ancestrais, permitindo o mínimo possivel de penetração da «civilização» nas fibras mais internas da sua cultura. O nativo permaneceu sempre sempre o «ema timor» ou «timor oan» (timorense): o branco seria sempre o «malae». Filomeno Jacob explicita que "malae" vem do indonésio "melayu" (refere-se às raças e povos malaios: os actuais indonésios e malaios da Malásia) que significa «malaio», mas que com o tempo passou a significar estrangeiro. O termo referia-se aos mercadores malaios dos últimos séculos. Se o estrangeiro era negro, seria o «malae metan», diferenciando-o assim com o «malae-mutin», o estrangeiro-branco. Pelos vistos só o chineses ficaram sempre «china».

---

[25] G. Rocher, *Introducción a la sociologia general*, Herder, Barcelona, 1983, p.606.

[26] F. Jacob, *op.cit.*, p.8.

Raramente se diz "malae-china".[27]

A transição da sociedade rural para a vida urbana, começou a operar-se, através das escolas, dos hospitais, e sobretudo através da centralização administrativa, que se ramifica até ás aldeias mais distantes. Todo o comércio é centralizado em Díli, o único porto marítimo capaz de ligações comerciais importantes com outros centros da zona. Todo o comércio do interior, controlado também pelos chineses, é logisticamente apoiado desde Díli. Isso corresponde ao carácter económico da cidade, como centro de comércio e negócio; a agricultura é «competência» da área rural. A transformação de Timor passa também por essa transição da aldeia para a cidade.

As escolas são a fonte do saber que forma a élite. Essa nova élite colonial nativa separa-se, com o passar dos anos, da tradição e do rural; eles perdem as suas bases culturais, ao mesmo tempo que se adentram pela floresta da civilização que traz confortos préviamente inimagináveis. Começa também o crescimento económico, que em tempos normais seria o início do progresso económico de Timor. Mas a geopolitica não permitiria tal projecto natural da dinâmica urbana.

Em princípios de 1970, em termos de estruturas, Díli é ainda a «cidade do pó»: as únicas vias alcatruadas da cidade de Dili eram as por onde passava o governador da Provincia, do seu palácio nas colinas de Lahane para o Palácio das Repartições em frente à praia. A dinâmica económica existia ao nível das élites: os europeus, que tinham fazendas e monopólios, utilizavam a mão de obra local barata, e os chineses dedicavam-se exclusivamente ao comercio, à importação e à exportação.

---

[27] F. Jacob, *op.cit.*, p. 9.

Nenhuma indústria foi lançada, por falta de verbas no plano de fomento provincial. Nenhuma fábrica de importância económica e social foi sériamente considerada, excepto uma de tintas, ao pé do antigo aeroporto, na periferia ocidental da cidade,(hoje transformado pelos indonésios em complexo desportivo dos militares). Existia uma pequena frota aérea, dois aviões, para as ligações internas mais importantes e uma modesta «armada» de barcaças velhas ligando os portos naturais das costas norte e sul asseguravam as comunicações.[28] A este sistema antiquado de comunicações se ajunta um sistema telefónico, modernizado pelo sistema Marconi nos anos setenta. Criou-se uma Rádio Emissora Regional.[29] Um sistema rodoviário precário, um complexo de electrificação limitado em e a Dili e Baucau, foram também iniciativas económicas de destaque. Um modesto programa de intensificação agrícola,[30] redundou em importação de trigo,[31] arroz e mesmo milho, que foi o que aconteceu nos anos do Governador Alves Aldeia. A isto se reduz o complexo industrial projectado nos fomentos sociais, sempre em dificuldades por causa da ineficácia técnica da política chamada realista.[32] Este estado técnico não pretenderia certamente formar as infraestruturas necessárias para o desenvolvimento económico do território.

---

[28] Felgas, *op.cit.*, pp. 406-408.

[29] Felgas, *op.cit.*, p. 410.

[30] Felgas, *op.cit.*, pp. 401 e 423-452.

[31] Isso significa a introdução de uma nova gastronomia: comer o pão era um símbolo, era entrar noutra era sociológica, técnica e cultural. Recorde-se que a quase totalidade da população vivia da agricultura tradicional.

[32] Felgas, *op.cit.*, pp. 413 e 501.

As escolas foram limitadas ao ciclo dos liceus, devendo continuar-se formação superior na longínqua metrópole, impossível para a quase totalidade dos nativos. Só quando na colónias africanas se desenvolveram as guerrilhas pela independência, em todo o Ultramar se desenhou um novo projecto sócio-económico gigastesco, demasiado custoso para a economia nacional portuguesa, que se via assim a braços com duas tarefas ambiguamente paralelas, e totalmente contraditórias: a formação de quadros levaria formalmente à ânsia da liberdade, que era exactamente o que se pretendia evitar a todo o custo através da repressão policial.

Em Timor Leste desenhou-se o mesmo projecto. Grandes novidades financeiras se puseram na lista do fomento económico, a última das quais seria o alcatruamento de uma trans-Timor, desde Maliana (na fronteira com o Timor indonésio) até Lospalos na Ponta Leste. De facto, iniciaram os trabalhos em 1974. A empresa «Moniz da Maia» estava encarregada desse projecto. Em Agosto de 1975 estala a guerra, primeiro civil, depois a invasão indonésia, em 7 de Dezembro de 1975. As maquinarias da «Moniz da Maia» serviram para colmar o vazio logístico das duas facções, nos primeiros dias da guerra civil de Agosto de 1975.

A cidade de Dili foi ganhando importância estratégica e politica: havia três consulados: o consulado chinês, o indonésio, e o australiano. As relações comerciais que se estabeleciam nos anos setenta com os países do sudeste asiático, levaram a uma maior tendência de autonomia económica que todavia não se podia concretizar. Destes consulados, o mais activo teria sido o indonésio que não se limitava a actividades diplomáticas normais, mas que se introduzia políticamente como alternativa política e económica ao governo da provincia.

De facto, também a Igreja concentra em Díli suas instituições escolares mais avançadas. No interior estão colégios de escolas primárias. Até os nomes dos colégios denunciavam o esforço de civilizar, que na prática foi o esforço de desmantelamento da cultura Timorense. O objectivo era aportuguesar toda a cultura tradicional. A religião e a cultura a "ensinar" eram portuguesas: mas, deve-se reconhecer, tiveram um papel importante e investiram seu potencial de dinamizar as forças para a construção da cidade e sociedade timorenses, que se formava assim em torno aos valores forjados pelas estruturas coloniais.

A Igreja ajudou com o seu contributo no campo da educação. Esta era e é vital para conseguir os objectivos governamentais. Também os objectivos da evangelização espiritual não foram pequenos: de facto, esta evangelização não se separou da promoção humana, que apesar de tudo, foi o resultado dessa difícil integração cultural entre Portugueses e Timorenses, que com o tempo se tornaram "irmãos" numa solidariedade religiosa, cultural e política sem paralelo. Timor Leste, em grande medida, só ganhou com isso.

B. SEGUNDA FASE (1975-1994)

Uma cidade tem estruturas particulares: partidos políticos, chefes, associações, museus, parques e sinais do progresso. Por um lado a cidade é um produto de forças económicas, mas não só. Existem as forças políticas e sociais, os chamados «factores extra-económicos» que determinam a dinâmica urbana duma agregação populacional. Por outro lado, a cidade provoca o desenvolvimento económico que impõe novas formas der, novos odos de relacionamento social e político, cultural e religioso, novas necessidades, em suma, o que se diz progresso.

A cidade é um estado de espírito, de costumes e de tradições, de atitudes e de sentimentos organizados e transmitidos com as suas tradições. Existe uma relação psicológica profunda entre o indivíduo e a cidade.

O meu ponto de partida é uma teoria sócio-psicológica, que afirma que o indivíduo, sobretudo numa cidade, tende a defender a sua autonomia e a sua liberdade contra as forças socias, contra a massa desconhecida, para poder sobreviver no meio dum caos da cidade.

Díli ainda não tinha chegadoa este estádio. Segundo Filomeno Jacob, os mecanismos da vida urbana de Díli não produziram ainda o individualismo. Díli é uma cidade semi-rural. A solidariedades rurais, típicas da vida do "suco" sobrevivem na cidade, e toda a dinâmica rural da cultura convivem com as pressões conjunturais da vida na cidade. Todavia, as dimensões da cidade (cidade pequena) e a mentalidade rural salvam a solidariedade humana em cidades como Díli.

Díli foi e é uma cidade de transição: os seus habitantes não têm o ritmo de Lisboa ou Paris. Os Timorenses têm o seu ritmo, o ritmo dos seus "sucos". De Díli os Timorenses "foram transferidos" para Lisboa. São obrigados a adaptar-se ao ritmo lisboeta, mas o "organismo" não aguenta com a "cura". A adaptação torna-se uma doença silenciosa e escondida. As razões encontram-se na sua experiência passada que passo a descrever.

A catástrofe política e humana de Timor continua a ser o maior assunto de conversa entre os Timorenses. Segundo um relatório inédito, em Maio de 1975 a população era de 688.769 Habitantes dos quais 202.850 eram Católicos, 17.462 Catecumenos, 460.412 Animistas, 5.660 Budistas, 2.550 Protestantes e 135 Muçulmanos. Em Janeiro de 1980 são sómente 550.000, segundo fontes oficiais indonésias; são 425.000 segundo fontes da Igreja Católica. Mas segundo um relatório militar indonésio em 1980 a população é de apenas 334.414.[33] Segundo este mesmo relatorio, os catolicos seriam 255.414; os animistas 69.019, os protestantes 8.070 e os muçulmanos seriam 1.907. O gráfiso seguinte é esclarecedor:

Gráfico 1

	Populacao	Catolicos	Catecumenos	Animistas	Protest	Budistas	Islao
1975	688.769	202.849	17.462	460.412	2.549	5.659	0.135
1980	334.414	255.414		69.019	8.069		1.907

---

[33] Relatório do ASTER KODAHANKAM - Assisten Teritorial Komando Daerah Pertahanan dan Keamanan TimTim (Assistente Territorial do Comando Regional da Defesa e Segurança de Timor). Dili, 16.01.81.

A população vitima da guerra durante os primeiros cinco anos da invasão seria cerca de 351.356 pessoas (Ver a propósito os Gráficos 1, 2, 3 e 3a). As causas desta catástrofe foram os combates, as prisões, a tortura, a fome, doenças e mal-nutrição. Os combates que tiveram lugar entre 11 de Agosto e 20 de Setembro entre as forças da FRETILIN e da UDT terão feito num máximo pessimista, cerca de 3.000 mortos.

Em Janeiro de 1985 segundo fontes indonésias, a população é de 570.000; deste número a Igreja Católica subtrai 50.000 a 80.000 civis e militares da ocupação indonésia presentes no territorio nacional Timorense. Portanto segundo a Igreja a população em 1985 seria de mais ou menos 500.000.

Em Janeiro de 1990 as cifras indonésias apontam para 657.000. Fontes eclesiásticas, desta vez também subtraem mais de 100.000 indonésios presentes em Timor Leste. Portanto segundo a Igreja Católica, a população em 1990 seria aproximadamente 550.000 (Ver Gráfico 2).[34]

---

[34] Importantes para a compreensão da situação actual são os livros de J.Dunn, *Timor. A People Betrayed*, Red Sea Press, N.Y., 1983; de J.Jolliffe, *East Timor. Nationalism and Colonialism*, University of Queensland Press, 1978; de Budiardjo e Liem Soei Liong, *The War Against East Timor*, Zed Press, London, 1984; de J.Taylor, *East Timor. Indonesia's Forgotten War*, London, 1991 e de J. Ramos-Horta, *Funu. The Unfinished Saga*, Red Sea Press, 1986 (e a versão portuguesa deste mesmo livro, corrigida e aumentada, *Timor Leste. Amanhã em Dili*, Lisboa, 1994).

Gráfico 2

A População de Timor Leste

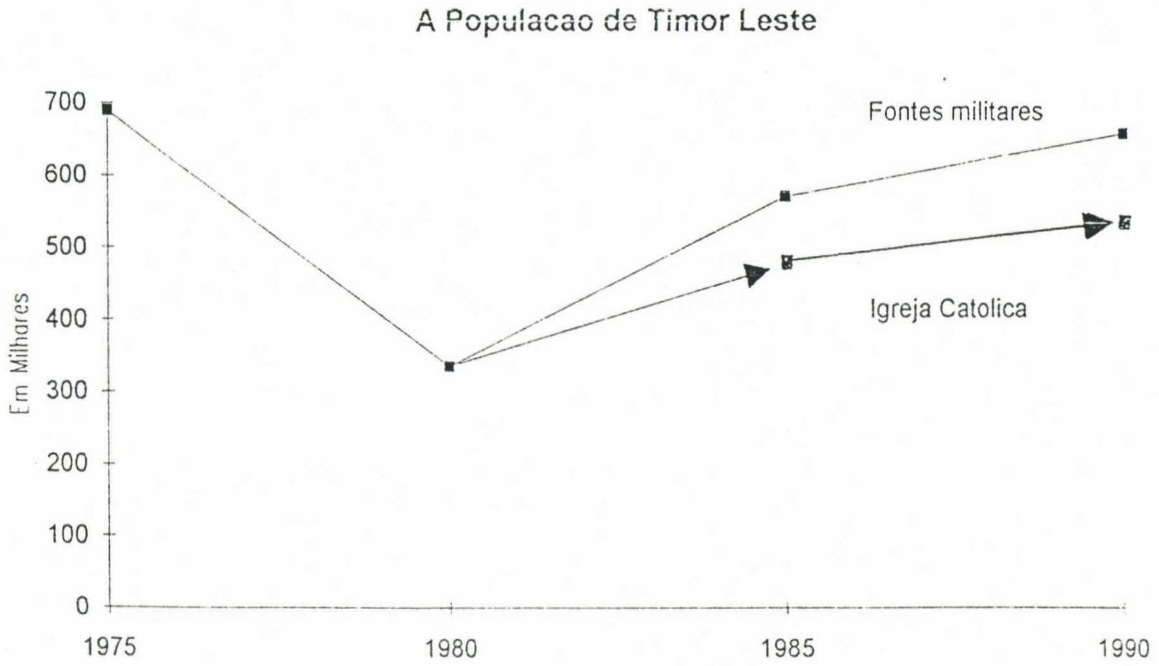


Gráfico 3

Dados demográfico-religiosos de 1975

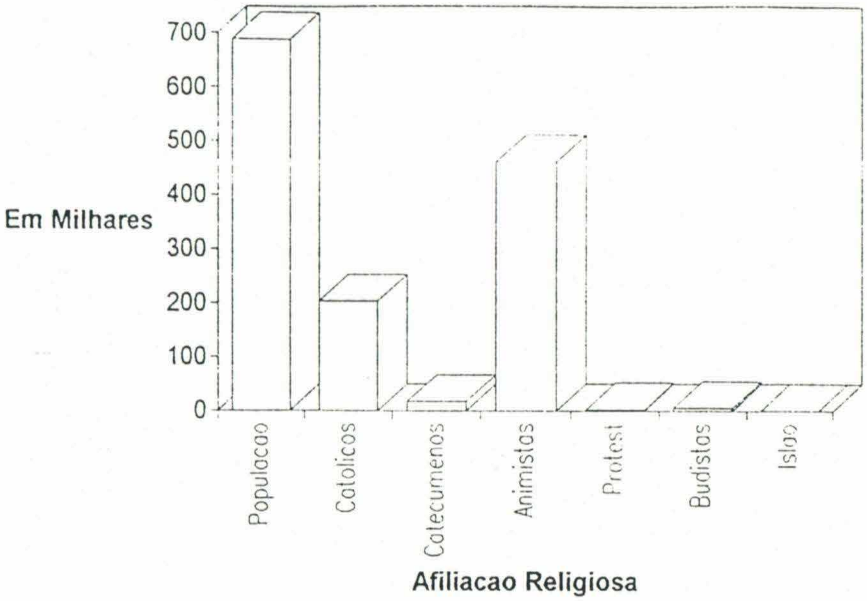
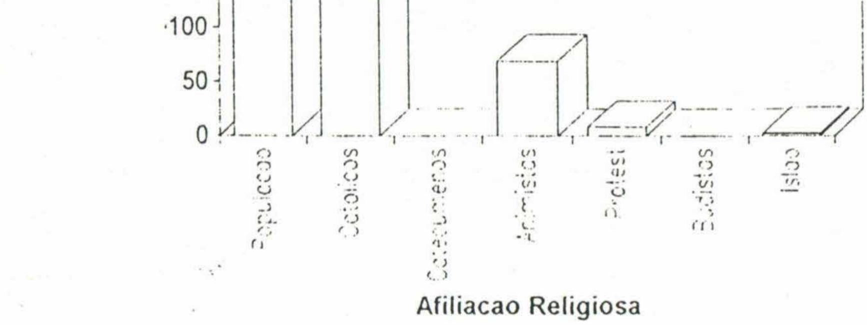


Gráfico 3a

Dados demográfico-religiosos de 1980



Estes dados ajudam a contextualizar a nossa análise. Os Timorenses que chegaram a Lisboa são na maioria membros de famílias destruídas. Muitos membros dessas famílias desapareceram ou morreram durante a guerra. Eles trazem consigo a lembrança e o peso dessa falta. Trazem, além disso, a memória colectiva da situação que se vive em Timor. E esta situação resume-se a condições de vida insuportáveis: os velhos e as crianças das zonas rurais são de um modo particular vítimas das péssimas condições de vida.

Por um lado a invasão desenvolveu o nacionalismo maubere, que apoiado pelo direito internacional, várias vezes obrigou o invasor à reformulação das suas mentiras. Por outro lado os invasores aproveitam-se da situação para promover uma intensa actividade económica que não aproveita aos Timorenses. Esta economia apoia-se na força invasora. Toda a actividade económica é sob controle do exército, é mesmo propriedade do exército (exploração do afé, mármore, tentativa de exploração do petróleo). A guerra torna-se assim uma empresa privada dos militares. O objectivo é eliminar a resistência que se alcança através do empobrecimento dos timorenses: as hortas dos camponeses ficam forçadamente abandonadas durante meses. O espectro da fome várias vezes denunciado, torna-se realidade, e em 1982, falou-se do genocídio que continua ainda hoje.

Ao mesmo tempo milhares de camponeses pobres indonésios são transmigrados para Timor Leste, por um fundo financiado pelo Banco Mundial, para ocupar as zonas «desabitadas» do Timor.[35] É uma segunda invasão, que traz consigo problemas étnico-políticos.

---

[35] F. Jacob, *op.cit.*, p. 27.

O conflito toma dimensões sóciais e psicológicas. As escolas são também campo de batalha. Em Timor Leste as escolas estão totalmente controladas pelo aparelho da ocupação militar estrangeira. Nem as escolas da Igreja escapam à regra; apenas uma escola mantém estruturas nacionais Timorenses: foi encerrada após o massacre do dia 12 de Novembro de 1991.

A baixa qualidade do ensino, a quase totalidade de professores indonésios, a ausência das mínimas infraestruturas necessarias como livros, deixa entrever o "projecto" de enfraquecimento intelectual que precede sempre a aceitação livre da escravização nas suas várias formas. Ao mesmo tempo, a total falta de liberdade e a repressão indonésia são um antibiótico oferecido à resistencia dos estudantes. O sector sanitário é privilegiado pelos militares para outra campanha, a da esterilização, pondo à disposição os contraceptivos; em muitos casos sem o conhecimento das interessadas.

Neste contexto não é estranho o aliciamento para mútua espionagem entre timores. Esta dinâmica destrói o tecido cultural e os resíduos de solidariedade que a sobrevivência, determinada pela economia e pelo exército, não pode perdoar. Instala-se a dinâmica do "salve-se quem puder", com técnicas menos solidárias. A economia aliada ao militar num contexto de ilegalidade e de violência, de desigualdades e injustiças apela para outros fundamentos. A democracia é condição «sine qua non» do desenvolvimento económico e político. Nada disto existe em Díli. Esta liberdade e democracia, vieram os Timorenses encontrá-la em Lisboa. Mas não só de "democracia teórica" vive o homem. São necessárias também outras condições sociais.

Os Timorenses saíram de um contexto de brutalidade indonésia, em que sobreviveram dum certo modo, para se adaptar a um meio lisboeta, mais democrático, mais cidade, mais humano, mas também mais individualista. Encontraram níveis de educação mais elevados: as exigências também são mais elevadas, não só no custo de vida, mas também na escolaridade. O problema da adaptação torna-se mais difícil, porque é uma convergência de problemas económicos, políticos, culturais e simbólicos.

CAPITULO V

A DIASPORA TIMORENSE

A. DADOS DO TERRENO

Este trabalho desenvolveu-se na observação directa de um universo de cinquenta e quatro famílias Timorense da Amadora. O núcleo do estudo desenvolveu-se sobre dezasseis famílias, das quais seis são étnicas chinesas e dez timorenses. Estas famílias chegaram a Portugal entre os anos de 1990 a 1994 (Gráfico 4b). Apenas dezasseis familias foram entrevistadas por razÕes de diversa ordem: vinte e oito famílias entretanto emigraram para a Austrália[36], dez mudaram de residência, duas para Alfragide e oito para Serra da Silveira (Gráficos 4 e 4a). Um inquérito na Austrália (feito em 1987) revelou dados interessantes quanto à adaptação dos Timorenses nesse país. "À pergunta 'é feliz na Austrália?', 96% respondeu que sim. A esta percentagem não deve ser alheio o facto de 56% ter vindo de Portugal, onde sofria condições sociais degradantes, e 42% ter vindo directamente de Timor Leste onde vivia em situação de guerra".[37]

A faixa etária coloca-se entre os 0-70 anos, distribuindo-se em três categorias: crianças (0-15 anos), jovens (15-30 anos) e adultos (30-70 anos). As crianças são 26, cerca de 27.96 % do total; os jovens são 37, ou cerca de 39.78 %; os adultos são 30 1ou seja 32.26% do total (Gráficos 4c,4d,5 e 6).

---

[36] Este facto é um dado a ter em conta na análise que nos ocupa: 51.85% das familias Timorenses da Amadora emigrou para a Australia.

[37] *FUNU. Timor Leste Independente*. Boletim da Comissão para os Direitos do Povo Maubere, No.17, Dezembro 1987, p.4.

Gráfico 4

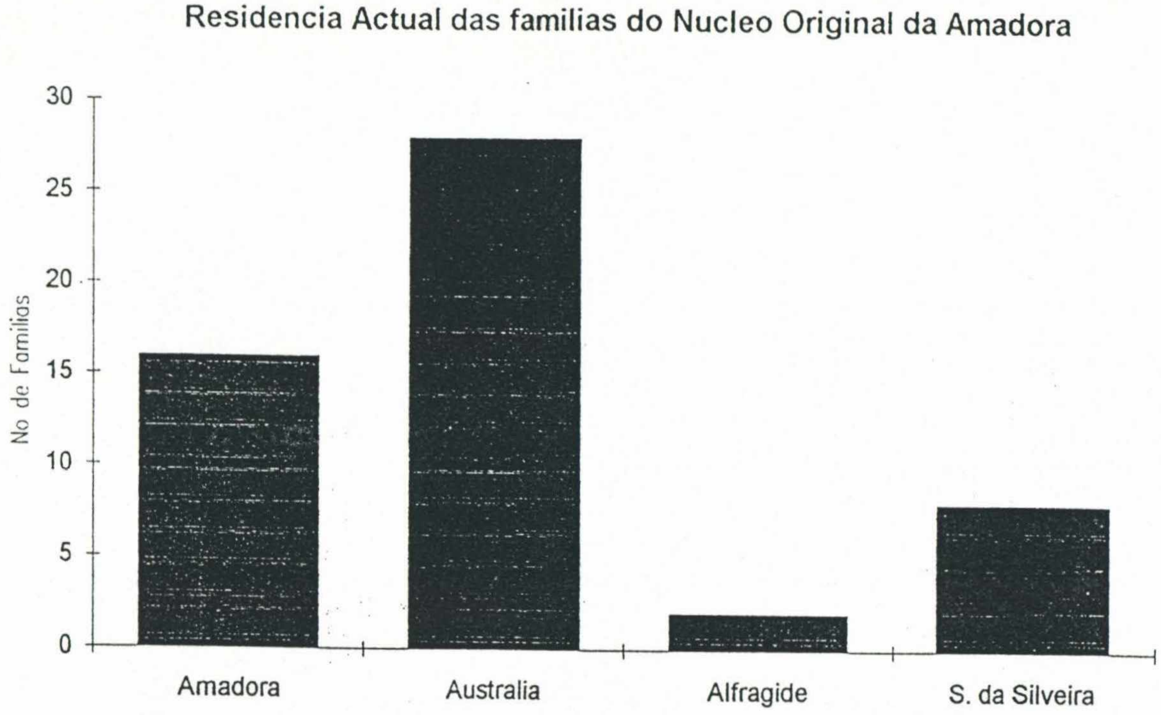


Gráfico 4a

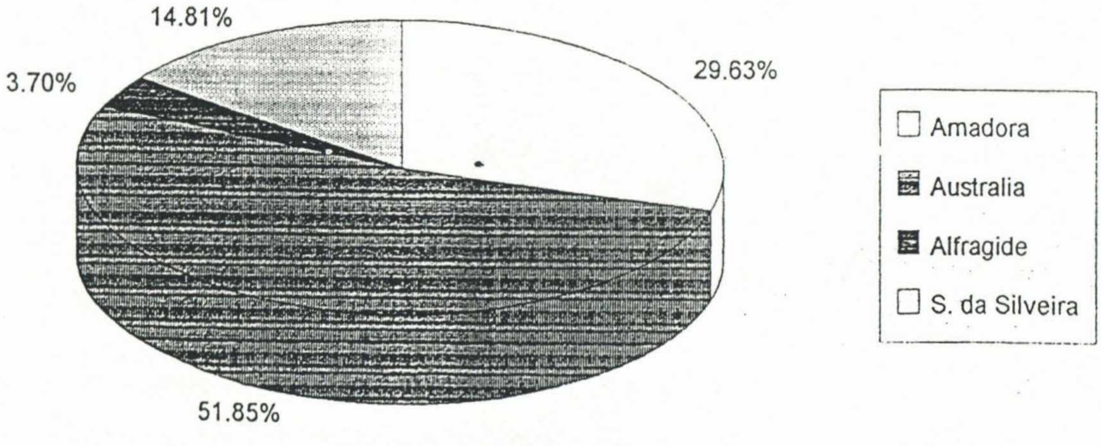


Gráfico 4b

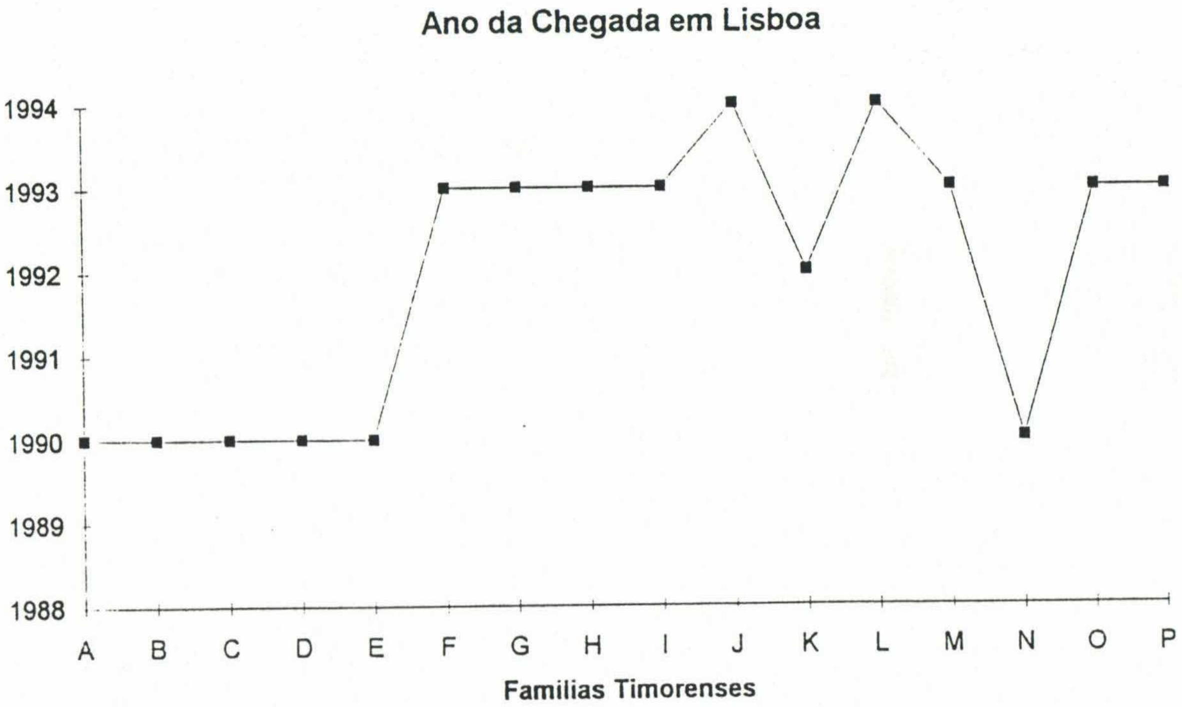

Ano da Chegada em Lisboa
1994
1993
1992
1991
1990
1989
1988
A
B
C
D
E
F
G
H
I
J
K
L
M
N
O
P
Familias Timorenses

Gráfico 4c

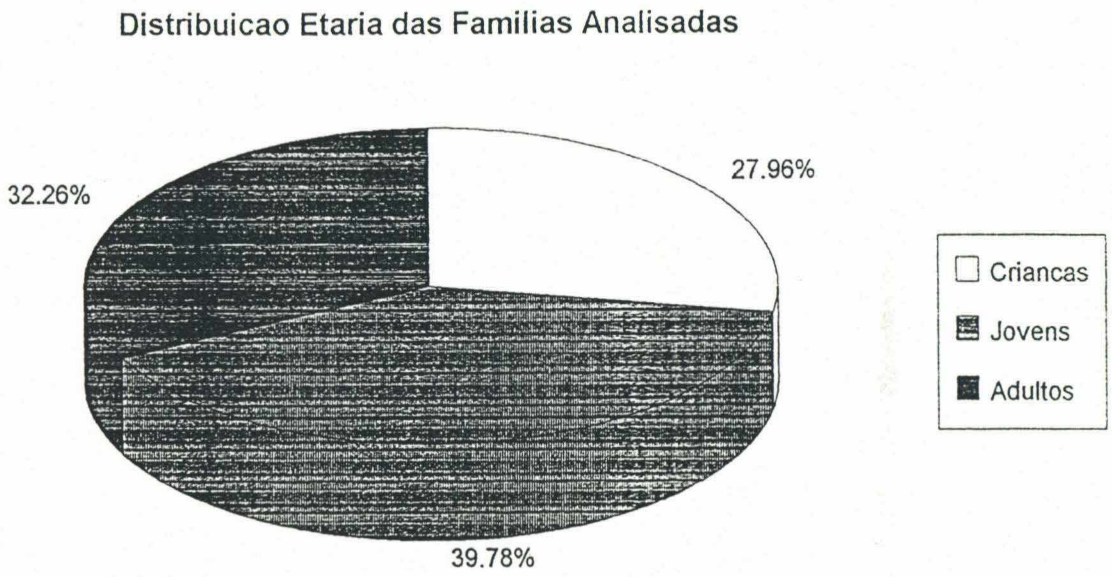

Distribuicao Etaria das Familias Analisadas
32.26%
27.96%
39.78%
Criancas
Jovens
Adultos

Gráfico 4d

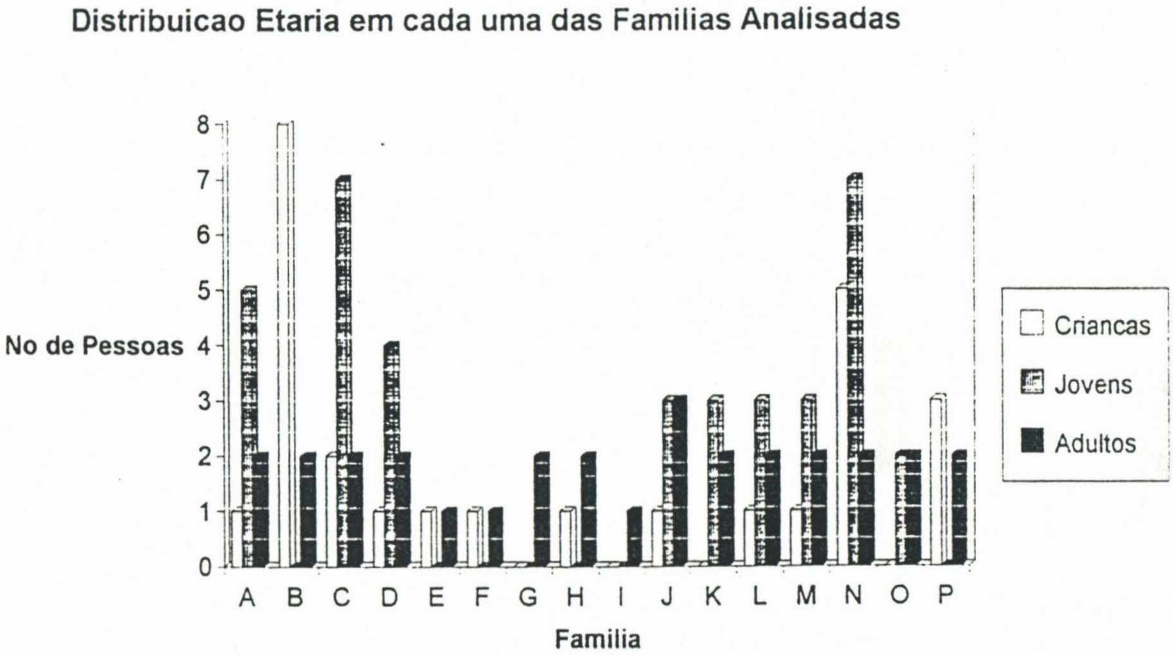

Distribuicao Etaria em cada uma das Familias Analisadas
No de Pessoas
8
7
6
5
4
3
2
1
0
A
B
C
D
E
F
G
H
I
J
K
L
M
N
O
P
Familia
Criancas
Jovens
Adultos

Gráfico 5:

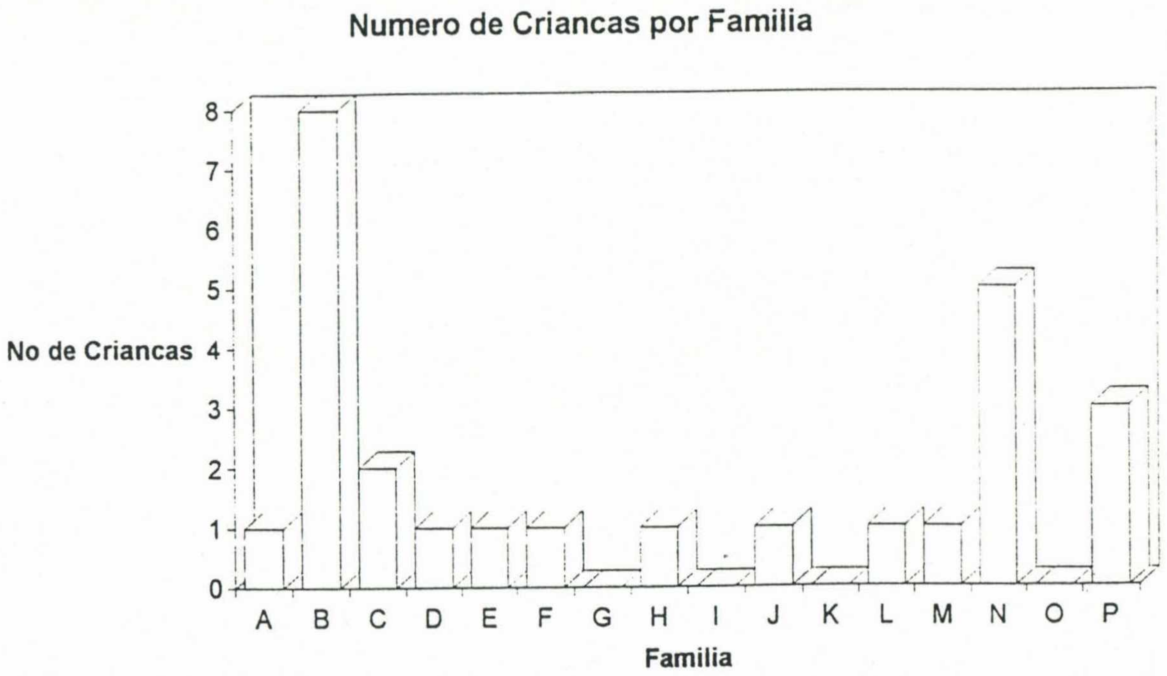
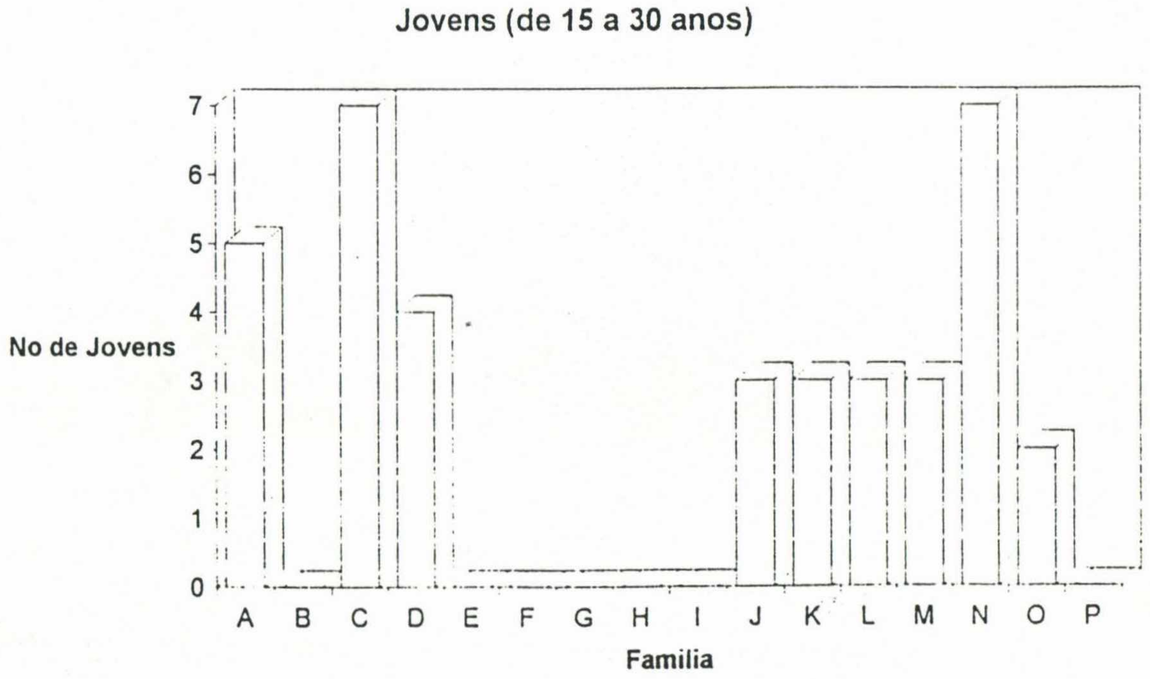


Gráfico 6:

Número de Jovens por Família



Análise dos Gráficos 4c e 4d

Os jovens são o maior grupo social deste universo Timorense que é objecto de análise. O segundo grupo maior é o dos adultos que em prática significa o grupo dos pais, em serviço activo, tanto em profissões remuneradas, como em trabalhos domésticos, como é o caso de quase todas as mães de familia. Por consequência, os jovens, tanto como as crianças, estão em estado dependente. Ainda estão nos bancos da escola em diversos níveis (desde a escolaridade obrigatória à Universidade), e não são remunerados. A situação económica (de subsistência) da familia está portanto completamente dependente de uma única pessoa, e se tivermos em conta que algumas famílias são numerosas, o salário do pai está longe de cobrir as despesas estrictamente necessárias da família, desde a alimentação à saúde, desde o vestuário à mobília da casa, to transporte a livros, etc.

Os jovens vivem uma certa frustração que influencia o pouco ou baixo aproveitamento escolar. A situação familiar incide directamente na psicologia e na formação dos jovens. Como é que podem estudar na pensão sem as condições necessárias? Inúmeros são os jovens que ao longo destes anos têm ficado pelo caminho, sem apoios, para vencer as dificuldades.[38] Apesar da falta de preparação há uma certa atracção pela política prática, e muitos jovens são por consequência literalmente manipulados pelos responsáveis dos partidos políticos Timorenses. A imaturidade e a natural impreparação políticas conduzem à frustração.

---

[38] *FUNU TIMOR LESTE INDEPENDENTE*. Boletim da Comissão para os Direitos do Povo Maubere, No.17, Dezembro 1987, p.5.

Os adultos (entre 30-70 anos) são todos casados. Todavia este facto não implica que os casados não sejam também jovens: dois casados estão na faixa etária dos jovens.

A distribuição da ocupação professional é amplamente desigual e desiquilibrada: só os adultos são professionais (com uma profissão) remunerados, e todos eles individuos do sexo masculino. Nas dezasseis famílias analisadas, catorze chefes de família (homens) têm um emprego: dois são militares de carreira (com a patente de sargentos), sete são funcionários públicos, dois são empregados no sector particular, dois trabalham em fábricas e um é empregado num restaurante chinês (Gráfico 7). crianças-estudantes, jovens-estudantes, desempregados, domésticas e inactivas são outras categorias que encontramos neste quadro das actividades professionais.

Como sobreviver? Durante os primeiros seis meses da estadia em Portugal eram subsidiados pelo Governo. Uma investigação conduzida por Portugueses revela os seguintes dados sobre as condições de vida dos Timorenses que chegam a Portugal.

> Chegados ao aeroporto da Portela, através da Cruz Vermelha ou de qualquer outra instituição do género, são recebidos por um elemento do CRSS,[39] que os encaminha até à pensão que servirà de futuro alojamento. O contacto para requerimento de subsídios terà que ser feito totalmente pelo refugiado; papéis de requerimentos, papéis para legalização e outros, que têm que ser entregues no CRSS, pelo refugiado, sem qualquer apoio, a não ser a solidariedade dos seus compatriotas. Após a entrega dos papéis, há que aguardar o despacho, sempre moroso. O resultado do mesmo equivale aos seguintes valores: 1 pessoa, 8000$00; 2 e 3 pessoas 15.360$00; 4,5 e 6 pessoas 17$280; 7 pessoas ou mais 19.200$00 (verbas mensais). Este subsídio é atribuído para as seguintes despesas: alimentação, vestuário, calçado e despesas com os requerimentos. A sua validade é de seis meses, a

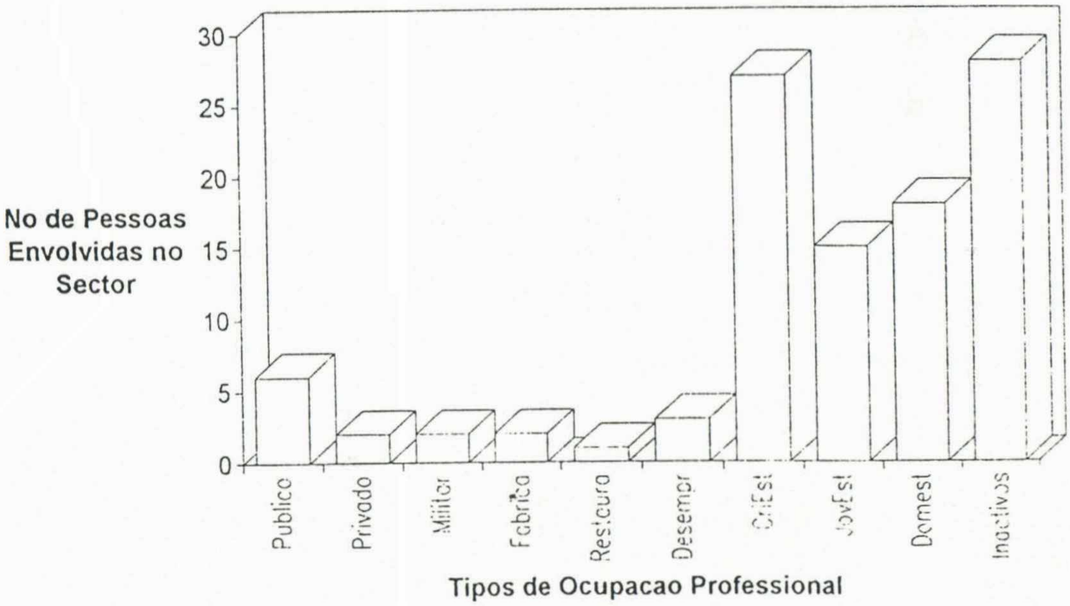
---

[39] Centro Regional de Segurança Social.

partir dos quais passa a ter os seguintes valores: 1 pessoa, 4.500$00, 2 e 3 pessoas 6.500$00, 4,5 e 6 pessoas 8.500$00, 7 ou mais pessoas 10.000$00 (verbas mensais que têm um ano de validade".[40]

Nestas situações, a adaptação social não é fácil. As condições financeiras com que chegam os Timorenses a Lisboa torna a situação ainda mais difícil. Não têm o dinheiro suficiente para colocarem as bases de uma inserção na sociedade. A educação formal da maioria dos pais influencia negativamente a sua inserção professional.

Gráfico 7: Actividade Professional



---

[40] FUNU, No 17, Dezembro 1987, p.5.

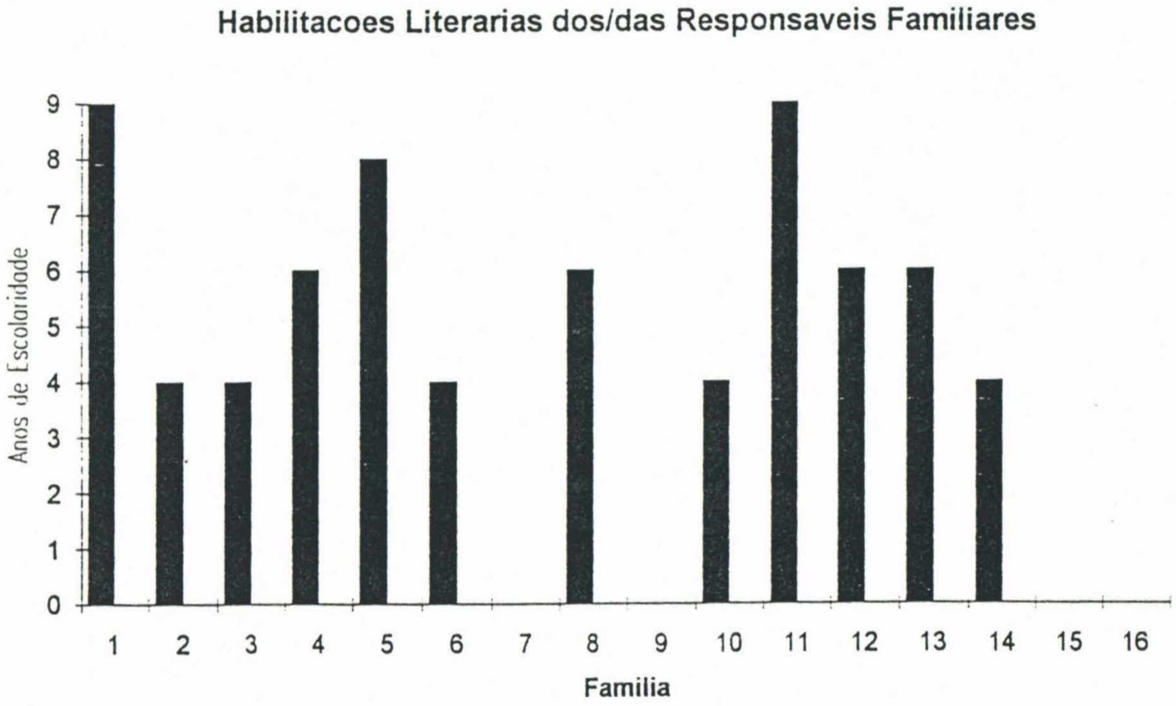
Não se pode separar esta situação de dificuldades económicas da sua educação formal que se limita no máximo a nove anos de escolaridade (o quinto ano do Liceu pré-25 de Abril) (Gráfico 6). Este nível de educação formal, por sua vez, está íntimamente ligado ao processo colonial português, que neste campo não se pode dizer que tenha feito tudo o que podia ou devia. Este nível de educação formal difícilmente poderá ajudar os Timorenses a subir os degraus da competição na vida social em Portugal. A sobrevivência económica implica a sobrevivência cultural. Por sobrevivência cultural eu quero dizer, a capacidade de se exprimir coerentemente, de manifestar a sua identidade, de se sentir em casa no país onde vive. È exactamente este tipo de sobrevivência que está em causa para os Timorenses.

Um certo paternalismo da parte dos Portugueses[41] e uma certa "mentalidade de colonizado" da parte dos Timorenses completam o quadro psicológico, sócio-cultural e económico que dificultam a integração em Portugal. Essas duas atitudes (paternalismo e mantalidade de colonizado) são sinónimas de apatia, de alienação, de não-participação. A dependência económica está portanto ligada à dependência psicológica, social, cultural e política. As crianças de hoje, e até certo ponto, os jovens, poderão inverter a situação, criar novos simbolismos, novos tipos de relação, e consequentemente, uma integração real na sociedade portuguesa onde vivem. As crianças possuem uma capacidade natural para se adaptarem ao meio ambiente. O bom aproveitamento escolar comprova isso.

---

[41] Ver L.T. Pereira, Timor é nosso? In *Jornal EXPRESSO*, 09.04.87.

Gráfico 8


Habilitacoes Literarias dos/das Responsaveis Familiares
Anos de Escolaridade
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
Familia

Para os actuais adultos, o problema tomou outra forma. Não se trata de integração, mas de sobrevivência física e cultural. Eles não esperam melhorar as suas habilitações literárias que são muito limitadas, variando entre a possessão de um diploma da Escola Primária e diversos cursos de formação professional, variando de três a cinco anos de escolaridade depois da Primaria (no grupo analisado, o máximo atingido é de nove anos de escolaridade). As línguas correntemente utilisadas em casa são o Tétum para os Timorenses, que também praticam amplamente a língua Portuguesa, mesmo em casa; os Chineses de Timor falam chinês, e além disso possuem um limitado conhecimento de inglês. Mas não falam nem escrevem bem o Português.

A integração professional dos adultos é limitada em regra ao exercício regular dos deveres professionais (subalternos) do horário oficial, que aliás ocupa a maior parte do seu tempo: eles têm pouco tempo ou nenhum para outras actividades de carácter formativo-professional, e muito menos para aquelas de carácter social e cultural, que cheguem a influenciar mentalidades profundas, originando transformações no modo de vida.

Os Timorenses não têm iniciativas. Estas, veremos, limita-se ao âmbito celebrativo intra-Timorense: casamentos, reuniões familiares, aniversários, festas religiosas. E mesmo este ambito celebrativo está saturado com a carga emotiva da arqueologia experiencial dos anos de guerra em Timor Leste, a contacto com os Indonésios, com os colaboracionistas Timorenses, num contexto de instabilidade generalisada. Essa instabilidade está relacionada com as lutas intestinas latentes, desconfianças e inimizades entre os diversos grupos Timorenses.

Apesar da solidariedade cultural, partidária e "nacionalista", o mundo do dia a dia é um mundo privatizado, onde as solidariedades do "suco" já não existem. O processo como se chegou a este estado cultural e psicológico é tratado na secção seguinte.

B. ANÁLISE CULTURAL

A questão dos refugiados na diáspora é fruto da aventura político-militar que começou com o golpe da União Democrática Timorense de 11 de Agosto de 1975. E na diáspora, depois das "primeiras necessidades" de sobrevivência, o problema central é o problema da identidade, que é um problema de cultura.

Os Timorenses recebem simpatia dos Portugueses: o revisor do comboio fecha os olhos ao Timorense apanhado sem "passe", para citar só um facto banal da vida diária. Diversas iniciativas a nível local e nacional são o sinal de um interesse social e político pela questão Timorense. Certamente se poderá fazer mais e melhor porque os problemas dos Timorenses têm muito que ver com o modo como as instituições políticas Portuguesas tratam do problema político de Timor Leste. Isso faria o material para outra tese.

Sair da própria cultura implica entrar noutra, e necessáriamente "vestir" outra cultura, enquanto o mais intimo das pessoas permanece o mesmo. É por isso que se chama ao fenómeno relacionado a este processo de "choque de culturas". A cultura é ligada à terra, ao meio ambiente que é determinado e modelado pelos que o habitam e o preservam de certo modo contra as intempéries da historia. Os que estão em Portugal trazem no seu ser a cultura nacional timorense. Por isso mesmo existe elo de ligação com o país natal, através da memória e da lembrança que é reforçada através de actividades culturais.

O que os Timorenses deixaram para trás é a «cidade da invasão», a "Díli indonésia", que é pouco mais do que uma cidade de militares e de comerciantes: todos os outros, excepto as estruturas da Igreja, são reduzidos a simples agentes executores de seus interesses. A política e a administração não passam de «fantoches» ou em termos indonésios, figuras do «wayang» (termo javanês que significa teatro de bonequinhos, feitos de pele). A segurança dos cidadãos é um requisito de vida urbana; mas em Díli o critério de segurança é a segurança dos invasores, que para isso, utilizam sua máquina de repressão, para fazer desaparecer toda a resistência possível.

A cidade de Díli não é teatro de diálogo e de debate para a democratização ou melhoramento de condições de vida, mas uma pura e simples manipulação de oportunidades económicas num contexto de repressão. Intrinsecamente envenenada, essa politica visa reduzir os timorenses à miséria. É esta experiência dos Timorenses que eu passoa analisar em três aspectos: situações, atitudes e estratégias.

1. Situações

Como foi dito, os Timorenses vêm todo o passado destruído: aldeias destruídas, famílias dispersas e separadas, a natureza (ecologia) destruída, ideais destroçados. Estamos no campo simbólico da análise das experiências. Este campo é importante porque é a partir daqui que se vai evaluar o presente quotidiano. Esse passado destruído não é só o económico, ou político, mas é também o cultural e o psicológico. A dispersão das famílias e a destruição da estrutura social timorense e mesmo da dignidade pessoal de milhares de pessoas tem um impacto profundo na psicologia das pessoas, influenciando as suas atitudes.

O mundo das atitudes é um mundo imenso. Limitar-me-ei nesta tese à análise de alguns aspectos fundamentais relacionados com o problema da adaptação.

2. Atitudes

Antes de mais nada, a mentalidade de colonizado. O nível de educação formal que trazem na bagagem não os coloca em posição de competição com os Portugueses. Apesar da fineza da sua cultura tradicional, os Timorenses vêm-se confrontados com uma cultura pragmática e são tentados a abandonar as suas práticas: isso por questões de realismo social, como por necessidade de adaptação. Mas o resultado leva a um dilema cultural de consequências inesperadas. A ambiguidade leva à anemia cultural (estado de alienação, não saber o que fazer). Esta por sua vez tem uma ideia-mãe: é a ideia de que só o que não é Timorense (o que é do "malae"), tem sentido e serve para, em termos pragmáticos, conseguir a promoção social. Isto é fundamentalmente um produto do colonialismo: a mentalidade de colonizado.

O antídoto só pode vir de iniciativas ou de acontecimentos que têm impacto emocional. Só as "situações-limite" podem impor essa transformação psicológica. Um desses factos foi a morte do Nicolau Lobato. Ele foi o primeiro comandante-em-chefe das forças armadas Timorenses, que morreu em combate no dia 31 de Dezembro de 1978. Nesse dia nasceu um Povo, a unidade nacional, cuja definição política seria formulada pelo Comandante Xanana (1983).[42] Nasceu o orgulho de ser Timorense e Maubere.

---

[42] F. Jacob, *Timor, Exílio, Cultura*. Trabalho Inédito. Bruxelas, 1992, p.20.

A segunda atitude com efeitos sobre o processo de adaptação dos Timorenses em Lisboa, é a que eu denominaria "feudalismo primário". A busca do poder (em todas as asserções do termo) prima sobre todas as outras considerações. Tudo depende da "tomada do poder". Como exemplo, a questão política Timorense parece ser encarada mais como questão de poder, do que como missão, para resolver uma tragédia em curso. Todavia existe um paradoxo: busca-se o poder, mas a impotência total (falta de poder real) é claramente exposta. O resultado é a desilusão para muitos principiantes políticos, e sobretudo para a massa da Comunidade Timorense em geral. "Mandar" é um atractivo muito forte, mas a desilusão que se segue é muito grande, porque não existem condições objectivas para "mandar", e "mandar" com bons resultados.

A terceira atitude, resultante destas acima mencionadas, é a falta de iniciativa, a resignação e o isolamento, como formas de reacção negativas. Por isso, ainda hoje o Timorense deve lutar contra a resignação, que é fruto da humilhação.[43]

O maior problema dos Timorenses em Lisboa parece ser a falta de liberdade de acção provocada pelo medo. Esse medo vem da opressão. Pensamos na opressão indonésia e não só: pensamos também nas formas subtis de opressão nas estruturas timorenses no exterior que blocam o caminho à participação. As consequencias directas são a falta de iniciativas, e o medo de opções. O melhor exemplo é o de Timorenses que podiam entram nas estruturas culturais e políticas. Muitos hesitam e ficam desiludidos porque a sua participação nas decisões reais não é garantida. Outros fazem-se simples "colaboradores" que simplesmente executam ordens. O problema fundamental encontra-se no factor cultural: por um lado existe o problema da participação no poder (político), por outro o problema da mentalidade de colonizado.

---

[43] Paradoxalmente foi também a resignação que salvou os Timorenses na sua longa resistência popular durante séculos. É a melhor forma de resiliência: aceitaram tudo, integraram tudo, mas continuaram Timorenses. A cultura, no fundo, é uma mistura, fruto de múltiplos contactos. Eu faço a distinção entre dois tipos de resignação: uma activa e outra passiva. A resignação activa é aquela que aceita a situação, mas também busca por todos os meios, uma saída, que não provoque o confronto com o invasor. A resignação passiva é simplesmente a aceitação da morte lenta.

A renúncia e a resignação, o esquecimento das próprias liberdades e responsabilidades, ou a "âncora da ambiguidade", eis o resultado global da interacção da sociedade timorense dominada e da sua élite politica elitista e oportunista. Essa atitude alia-se a uma outra atitude fundamental que se poderia chamar o "charme do carcereiro".[44] Estas atitudes produzem algumas estratégias de acção cultural, que a seguir analisaremos.

3. Estratégias

A **primeira** estratégia cultural é a criação do mito. Em primeiro lugar, Portugal foi feito o lugar mítico por excelência. Portugal é um país longínquo. Quanto mais longe estiver de Timor, mais mítico fica, mais "capaz" de oferecer esperanças e consolação. O lugar (o Portugal distante) como as pessoas (os Portugueses) recebem as mesmas qualidades míticas.

A realidade é bem diferente. Os Timorenses lutam com carências culturais (educação formal reduzida, falta de estratégia política, divisões internas, frustração) e com dificuldades económicas. Culturalmente eles apresentam-se diferentes: são membros de uma cultura Timorense, que não é Portuguesa.

---

[44] F. Jacob, *Reflexões da Clandestinidade*. Trabalho Inédito. Bruxelas, 1992, p.8.

È óbvio que a dificuldade da inserção dos Timorenses em Portugal começa com a dificuldade de competição com os Portugueses, em termos de igualdade e de justiça. Não havendo os níveis necessários para isso, a Comunidade Timorense - apoiada pela solidariedade política emotiva da Nação Portuguesa - aceitou e aceita apoios múltiplos, que todavia não preenchem o vazio de conteúdo que separa na prática as duas Comunidades. Isto cria dependência e paternalismo. A ajuda solidária que nos primeiros anos deveria ter sido dispensada - como direito - não se concretizou, de modo a ajudar à inserção na vida Portuguesa. Por exemplo, não houve bolsas para o estudo da língua portuguesa. Algumas das melhores anedotas entre Timorenses ainda são os erros gramaticais que se produzem ou a má utilização da língua Portuguesa.

A segunda estratégia é a adaptação "total". Passa-se ao outro extremo do "fazer-se português". Nesse caso a cultura da origem que "ficou para tras", é considerada "atras-ada".[45] Ou como diz Filomeno Jacob, esses são os que "conjugam o verbo ser só no presente, sem passado nem futuro".[46]

---

[45] Filomeno Jacob, *Timor, Exílio, Cultura*. Trabalho Inédito. Bruxelas, 1992, p.12.

[46] Isto acontece no campo dos costumes, dos valores, das atitudes, enfim, no campo da cultura. Cultura é sobretudo atitudes. O valor da cultura está sobretudo na vivência dos valores culturais: solidariedade, "sai ema" ou "ser gente".

A diferença entre a cultura Portuguesa e a Timorense é abafada pelo processo de inserção. Para se inserir em Portugal, é preciso - conscientemente ou inconscientemente - "ser como" os Portugueses. Significa perder, até certa medida, algumas características Timorenses. Este é um preço a pagar. Nem todos conseguem marcar positivamente a sua diferença. A solução é o isolamento, para não terem de enfrentar o problema.

A terceira estratégia é o isolamento. Isolam-se com uma dupla sublimação. Primeiro, os Timorenses evitam-se uns aos outros. Têm vergonha dos seus conterrâneos que, por certos modos de agir em público (ou atitudes pessoais), podem ser fonte de embaraço e de "vergonha". Então evitam estar junto dessas pessoas. Segundo, "vão para a Austrália". A Austrália, não oferece simplesmente melhores condições económicas, mas também o direito à diferença. Lá podem inserir-se sem terem de ser "como" os Australianos, porque a essência da Australia é ser o país da diferença. Enquanto em Portugal, sentem-se psicológicamente "irmanados" com os Portugueses, o que os "obriga" implicitamente a "ser como" Portugueses. Na Austrália os Timorenses podem ser o que são. Já não têm o peso da "irmandade" que lhes dificulta ser Timorenses a tempo pleno.

È significativo que numerosas famílias Timorenses estão rumando para a Austrália que se está tornando a meta final dos refugiados Timorenses, quando Portugal poderia ser considerado, como o segundo país dos Timorenses. Não é únicamente a questão económica que exerce pressão para esta corrente de emigração. A proximidade com Timor Leste oferece à Austrália uma posição simbólica privilegiada. Os atractivos económicos da Austrália completam o quadro dos ideais das famílias Timorenses que partem de Portugal. O aeroporto da Portela transforma-se simbólicamente no aeroporto de Díli: são momentos da separação com Portugal[47] que são uma réplica fiel da rotura com Timor.

Essas despedidas repetidas (as despedidas de Díli que se repetem em Portugal) comprovam a "semelhança" com Portugal, mas esta semelhança cultural, torna-se também a constante "con-fusão" cultural com Portugal. Esta cria ambiguidades na definição da identidade, ambiguidade esta que é reforçada pela "confusão política". A relação sócial e simbólico no exílio é portanto o núcleo do problema da adaptação das famílias Timorenses em Portugal.

É um problema que existe em duas dimensões: ao nível social e simbólico. Socialmente as situações são difíceis em todos os campos: económico (trabalho), cultural (educação), saúde, etc. Simbólicamente, o mito português revelou-se um fracasso. Voltar a Timor é a única solução que não é, por agora, possível. A Austália é uma substituição. A Austrália está geográficamente mais perto de Timor Leste. Simbólicamente a Austrália oferece uma possibilidade de retorno às origens, à harmonia e solidariedade sociais da "cnua" e do "suco" Timorenses. Essa dinâmica social e simbólica Timorense é analisada no capítulo seguinte.

---

[47] Separacão com Portugal significa separacão dos familiares, dos amigos, da língua portuguesa, duma cultura conhecida, dum mundo familiar.

CAPITULO VI

SOCIOLOGIA E SIMBOLISMO DAS RELAÇÕES FAMILIARES TIMORENSES

A família Timorense é estruturalmente uma "grande família", caracteristicamente aberta e voltada para o parentesco, em base ao "suco", à linhagem, em base à contracção de casamentos e em base à solidariedade interfamiliar. Este último é o caso dos que são adoptados, simplesmente porque são, por exemplo, crianças sem pais. O importante é que são "ema", são gente, são pessoa.[48]

A "familia grande" engloba todos os que directamente em base ao sangue sao membros natos e os que lhe estão ligados por qualquer razão. São "maluq", uma palavra da lingua Tetum que tem muitos significados: parente, amigo, companheiro, conhecido, dependendo dos contextos e dos tempos. Mas existe uma estrutura na possessão dos direitos, uma especie de hierarquias internas na familia que garantem a existencia e a continuidade da "grande familia". Todavia segundo Filomeno Jacob, este sistema está hoje atravessando uma transição complexa. Existe de certa forma uma crescente tendencia a privilegiar a familia nuclear, facto que é patente na diáspora Timorense. Isso implica a diminuição do sentido de solidariedade humana do grupo maior. As desavenças políticas e ideológicas completam a destruição da estrutura cultural. O problema começa a sentir-se desde o processo de socialização das crianças. Por socialização entendemos o processo que exactamente começa no seio da familia, orientado para a sociedade maior, em vista de uma participação futura, caracterizada pela responsabilidade e pela autonomia. Alguns elementos fundamentais e estruturais que hoje experimentam transformações negativas, sem alternativa positivas, são as seguintes:

---

[48] F.Jacob, *Timor, Exílio, Cultura*, p.18.

1. Dimensões da Relação Humana

Constatamos antes de mais nada a verticalidade das relações pais-filhos, velhos-novos. A verticalidade dialógica é uma exigencia estrutural da cultura Timorense que se configura a partir da visão fisica do universo (relação terra-firmamento) e enraizada num sistema de transmissão histórico-linear da cultura. Esta estrutura sai reforçada nas suas consequencias sócio-economicas. A actividade economica gira em torno do núcleo e em função do nucleo familiar (não se justifica uma actividade economica meramente individualista nos objectivos). Os jovens não se libertam desta "tutela" vertical: inserem-se na estrutura e na plataforma histórico-cultural comunitaria.

PAIS
|
FILHOS

Beneficio comunitario, do grupo mais alargado, significa também beneficio individual. Hoje este sistema cultural está posto em causa dificultando o processo tradicional da família Timorense em Portugal. As famílias estão irremediavelmente voltadas para o nuclearismo familiar. Por outro lado, não estão ao nível de enfrentar psicológicamente o "preço" sócio-cultural desta "adaptação". Não estão preparados para serem individualistas.

mpletam o quadro dos ideais das famílias Timorenses que partem e Portugal. O aeroporto da Portela transforma-se simbólicamente o aeroporto de Díli: são momentos da separação com Portugal[47] ue são uma réplica fiel da rotura com Timor.

Essas despedidas repetidas (as despedidas de Díli que se repetem em Portugal) comprovam a "semelhança" com Portugal, mas esta semelhança cultural, torna-se também a constante "con-fusão" cultural com Portugal. Esta cria ambiguidades na definição da identidade, ambiguidade esta que é reforçada pela "confusão política". A relação sócial e simbólico no exílio é portanto o núcleo do problema da adaptação das famílias Timorenses em Portugal.

É um problema que existe em duas dimensões: ao nível social e simbólico. Socialmente as situações são difíceis em todos os campos: económico (trabalho), cultural (educação), saúde, etc. Simbólicamente, o mito português revelou-se um fracasso. Voltar a Timor é a única solução que não é, por agora, possível. A Austália é uma substituição. A Austrália está geográficamente mais perto de Timor Leste. Simbólicamente a Austrália oferece uma possibilidade de retorno às origens, à harmonia e solidariedade sociais da "cnua" e do "suco" Timorenses. Essa dinâmica social e simbólica Timorense é analisada no capítulo seguinte.

---

[47] Separacão com Portugal significa separacão dos familiares, dos amigos, da língua portuguesa, duma cultura conhecida, dum mundo familiar.

CAPITULO VI

SOCIOLOGIA E SIMBOLISMO DAS AÇÕES FAMILIARES TIMORENSES

A família Timorense é estruturalmente uma "grande família", teristicamente aberta e voltada para o parentesco, em base uco", à linhagem, em base à contracção de casamentos e em à solidariedade interfamiliar. Este último é o caso dos que doptados, simplesmente porque são, por exemplo, crianças sem . O importante é que são "ema", são gente, são pessoa.[48]

A "familia grande" engloba todos os que directamente em base sangue sao membros natos e os que lhe estão ligados por quer razão. São "maluq", uma palavra da lingua Tetum que tem tos significados: parente, amigo, companheiro, conhecido, endendo dos contextos e dos tempos. Mas existe uma estrutura possessão dos direitos, uma especie de hierarquias internas familia que garantem a existencia e a continuidade da "grande ilia". Todavia segundo Filomeno Jacob, este sistema está hoje avessando uma transição complexa. Existe de certa forma uma escente tendencia a privilegiar a familia nuclear, facto que parente na diáspora Timorense. Isso implica a diminuição do ntido de solidariedade humana do grupo maior. As desavenças líticas e ideológicas completam a destruição da estrutura ltural. O problema começa a sentir-se desde o processo de ocialização das crianças. Por socialização entendemos o processo ue exactamente começa no seio da familia, orientado para a ociedade maior, em vista de uma participação futura, acterizada pela responsabilidade e pela autonomia. Alguns mentos fundamentais e estruturais que hoje experimentam ansformações negativas, sem alternativa positivas, são as guintes:

---

[48] F.Jacob, *Timor, Exílio, Cultura*, p.18.

1. Dimensões da Relação Humana

Constatamos antes de mais nada a verticalidade das relações ais-filhos, velhos-novos. A verticalidade dialógica é uma xigencia estrutural da cultura Timorense que se configura a artir da visão fisica do universo (relação terra-firmamento) e nraizada num sistema de transmissão histórico-linear da cultura. sta estrutura sai reforçada nas suas consequencias sócio-conomicas. A actividade economica gira em torno do núcleo e em unção do nucleo familiar (não se justifica uma actividade economica meramente individualista nos objectivos). Os jovens não se libertam desta "tutela" vertical: inserem-se na estrutura e na plataforma histórico-cultural comunitaria.

PAIS

|

FILHOS

Beneficio comunitario, do grupo mais alargado, significa também beneficio individual. Hoje este sistema cultural está posto em causa dificultando o processo tradicional da família Timorense em Portugal. As famílias estão irremediavelmente voltadas para o nuclearismo familiar. Por outro lado, não estão o nível de enfrentar psicológicamente o "preço" sócio-cultural desta "adaptação". Não estão preparados para serem ndividualistas.

Isto não implica de modo nenhum que na cultura Timorense não existem relações horizontais, democráticas. De facto é na horizontalidade simbólica que se completam o homem e a mulher, os velhos e as crianças, num sistema de continuidade. Isto implica a horizontalidade das relações, que completa a realização da visão do universo, no microcosmo familiar.

(passado) PAIS ----------> FILHOS (futuro)

Porque nesta horizontalidade é que os filhos são projectados para o futuro cultural, preservando as tradições. Os filhos são o prolongamento, a perpetuação dos pais e do presente. São a auto-projecção do homem que assim resiste ao tempo e sobrevive à morte fisica. E é isto tudo que esta sendo posto em causa.

2. Projecto Histórico

A relação e a socialização interna da familia baseia-se nessa concepção da historia e do mundo. Uma simples analise filológica, a partir do ponto de vista linguistico, comprovaria estas asserções. A Familia[49] prepara os filhos para a socialização maior e mais alargada na sociedade: "sai ema" - ser gente, ser pessoa. "Ser gente" é, segundo Filomeno Jacob, o grande projecto histórico da cultura Timorense, obra comum de gerações que estão em contacto numa mesma familia.[50]

---

[49] Em Tétum família diz-se "Uma cain". Esta é uma palavra que significa casa-habitação. Uma família é uma casa, símbolo de estabilidade. Mas "cain" (ramo) indica que é apenas parte de uma árvore maior, que é o grupo da tribo ou do "suco".

É isto que tende a desaparecer na diáspora Timorense. Em Timor existiram dois tipos de cultura numa simbiose dificil em Timor. Uma, a cultura popular tradicional, que existiu desde sempre e se foi desenvolvendo ao longo dos séculos ao contacto com outras culturas, sofrendo por isso reafirmações positivas e ao mesmo tempo desgastes internos; a outra é a cultura portuguesa.

Essas duas componentes da cultura maubere tiveram um relacionamento silenciosamente dificil ao longo dos séculos, apesar da profunda simbiose entre ambas.

Em base a tudo quanto foi dito, facilmente se deve constatar que tradição e ou reprodução cultural é um processo inerente e intrinseco ao proprio sistema cultural. O processo da tradição que é comunicação, de geração a geração de valores e atitudes, projectos e objectivos historicos é um processo que se realiza segundo leis derivantes do proprio sistema cultural. Para os Timorenses é seguindo métodos Timorenses que se comunicam os valores culturais Timorenses.

3. *Lisan* ou Tradição

A transmissão da cultura ou tradição ("lisan") é um processo que começa na Família. Tradição não é uma "coisa" estatica. Tradição é todo um processo ou dinâmica. Alguns elementos-conteudo desse processo são a ligação ao suco de origem, e automaticamente a ligação à casa lulic de origem, a ligação à terra e a ligação ao divino. Todas estes tres factores de identidade e de tradição sofreram o impacto da urbanidade ocidental, em Lisboa. O problema é a integração dos diversos sistemas culturais numa só identidade: o ocidental (Português e o Timorense). Mesmo em timorenses "formados num ambiente industrial sofisticado", constata-se facilmente o "agrário" (em sentido positivo) nas suas atitudes e nos seus esquemas, ainda que sofisticados. O homem envolvido por "casacos ocidentais" é sempre o maubere das montanhas de Timor Leste. È um facto que simplesmente se deve aceitar, é um dado de facto.[51]

---

[50] F. Jacob, *Timor, Exílio, Cultura*, p. 25.

A ligação ao suco implica ligação aos antepassados presentes também na "uma lulic" (casa sagrada). Implica além disso a preparação do futuro comunitário. Cada homem e mulher Timorense são todo o povo Timorense. Por isso os filhos e os jovens são orientados para o futuro através da narração dos mitos, lendas, ritos, musica ("hananu") e danças ("dahur"). Hoje aos Timorenses em Lisboa resta só a narrativa incompleta da cultura e a história trágica dos últimos tempos.

As famílias Timorenses são como o peixe fora da água. A praga cultural do individualismo é um exemplo que leva à atomização dos valores. O único antídoto são os encontros de celebração que são as festas e que fazem com que os Timorenses se sintam "em casa".

4. Festas

Como em muitas culturas, o ritual ou a religião é o centro das culturas. Todas as culturas têm como seu núcleo o elemento religioso. Mesmo nas culturas explicitamente ateísticas, existe a substituição por elemento pseudo-religiosos. Com os Timorenses lisboetas, o rito, modernamente reduzido a celebrações, ou comummente o que se chamam "festas", tem um papel central na transmissão da cultura. Cada "festa" é um acontecimento extraordinario, é oportunidade celebrativa.

---

[51] Não entro na polémica em volta da utilização do termo "maubere" para denominar o Povo e a cultura Timorenses. Para mim, é um desenvolvimento positivo, um avanço no processo da identidade e da libertação de Timor Leste.

A "Festa" tem função social de grande alcance, decisivos para a transformação, defesa e promoção da cultura como tal. Toda a festa é uma combinação de "lia" (palavra) e "nonoc" (silêncio), de corpo e alma, de seriedade dos "senhores da palavra" ("lia na'in") e de "tebedai" e "dahur" (danças).

Em principio a festa é "festa à volta da lia". De facto "co'a lia" é "cortar a palavra" em dois, isto é conversar, dialogar, discutir, negociar. Isto implica que é necessario ser verdadeiros, sinceros, para que as duas metades se possam encaixar e assim chegar a acordo. É na palavra que se encontram os homens. A verdade é um elemento importante do discurso, do falar humano. Quando a falsidade entra no jogo, o relacionamento deixa de ser humano, porque então a violencia entra no ambiente, o caos toma o lugar da ordem e os homens estão cósmicamente separados. Porque quem mente, usa sem dúvida a violencia, em todas as suas formas.

A "lia" (palavra) congrega à volta de motivos de alegria ou mesmo de tristeza e apenas de esperança. A morte é uma "lia" na casa do morto; a iniciação das crianças é uma "lia"; a sementeira é uma "lia"; uma casa nova é uma "lia"; a colheita é uma "lia". A "lia" é portanto fonte e produto da cultura timorense, que se pode chamar a "cultura da lia"[52], cultura oral riquíssima de detalhes psicologicos e simbolicos enraizados na alma Timorense.

Hoje em Lisboa, a festa Timorense tomou novas formas, mais "modernizadas". O baptismo, o noivado, o casamento, barlaqui, e no fim a morte - são exemplos de festa. Mesmo a "morte" é uma festa, na medida em que cumpre a sua função social de reagrupar os homens do clã em solidariedade em torno dos valores comuns.

Do ponto de vista religioso, o animismo e o cristianismo continuam a cohabitar. Religião e cultura são uma e a mesma coisa. Em Lisboa religião e cultura tornaram-se mundos diferentes, distantes e quase inconscientemente antagónicos, porque a religião (solidarística) congrega os Timorenses, a cultura (individualistica) atomiza-os, individualiza-os a tal ponto, que conduz a uma transformação profunda da cultura Timorense. Os Timorenses, sobretudo em Lisboa, andam à busca da sua identidade.

---

[52] F. Jacob, *Timor, Cultura, Exílio*, p. 15.

CONCLUSÕES GERAIS

A aldeia tradicional de Timor é uma «cnua», em lingua timorense; essa aldeia vive dentro do contexto de uma cultura. Essa caracteriza os seus habitantes, que, uma vez fora dela são confrontados com a necessidade da adaptação. Esta requer condições para uma aculturação e inculturação totais. A cidade com as suas características actuais, é uma cidade despersonalizada, anonimizada, a tal forma, que a família Timorense se encontra "individualizada", feita uma entidade em si própria, quimicamente "isolada". Culturalmente falando, este processo destrói a essência da família timorense. O conceito «cidade» confinado por critérios técnicos, «despersonaliza» a cidade.

A cultura não é só um contexto, é também um agente que age sobre as famílias e os indivíduos, positiva ou negativamente. Não tendo os elementos e os instrumentos necessários para trabalhar a cultura, as famílias e os indivíduos "sofrem" passivamente a cultura. A transformação cultural, necessária em si para a adaptação a uma nova situação, em vez de ser um processo dinâmico, regenerador e gratificante, torna-se fonte de frustrações e de desilusão. Os aspectos económicos (carências económicas) do processo da adaptação cultural vem completar a obra da despersonalização cultural. A questão da identidade é uma questão central no xadrezado político internacional actual. Isso não resolverá tudo. Mas deverá ser tido em conta. A problemática de fundo da adaptação dos Timorenses em Portugal é politica, é sociológica, simbólica e cultural. É questão de identidade. Algumas propostas políticas e culturais não nos parecem fora de propósito, porque identidade, cultura e política são acção comum de um Povo todo.

1. As Familias tem um papel decisivo na formação do futuro da cultura e da politica timorenses: a melhor contribuição é uma formação intelectual, humana e política maduras para os seus filhos, para poderem participar autonomamente e responsavelmente no processo histórico de Timor Leste.

2. O minimo que se deve exigir dos líderes e partidos politicos dignos desse nome, é apresentarem uma visão cultural e historico-politica da realidade capazes de darem razão de ser a diversos tipos de engajamento socio-politico. A responsabilidade de politicos deveria produzir ao menos isto. Essa visão portanto só será operacional e eficaz se houver participação e abertura, como condições imprescindiveis para o relacionamento cultural, porque cultura é dialogo. Sem dialogo não há cultura, nem política. Então é so a cultura da contra-cultura, a cultura da auto-destruição concretizada na destruição dos proximos. A verdadeira promoção da cultura para defesa do povo não é reduzivel à "promoção teatral" esporádica. Promoção cultural supÕe visão da historia e do mundo, supõe dinamica social e política que penetre os campos de actividade (escola, emprego) dos actores-autores dessa cultura.

3. Os velhos e os jovens, as Mulheres e os Homens timorenses devem convergir para a participação cultural na cultura timorense da diáspora. Os espaços existentes devem ser abertos a todos, para todos em comum recriarem e reactualizarem momento a momento

a cultura de Timor Leste. A cultura Timorense não é um objecto fora dos corpos dos Timorenses. Leva-se a cultura no sangue: é intrinseca ao seu próprio ser, que os leva a serem diferentes, a serem o que são no contexto onde estiverem, seja Portgal, seja a Austrália.

A partir de uma identidade reforçada, haverá uma verdadeira integração autónoma ao meio onde vivem, isto é em Portugal ou na Austrália. Sem isso seria só uma adaptação que é sinónimo de alienação e de frustração. A partir de uma verdadeira identidade os timorenses poderão ser verdadeiros actores da sua cultura no seu novo meio ambiente.

ANEXO

"SAMPLE" DE QUESTIONÁRIO

1. Nome____

2. Idade__________3)Sexo: M 4) Estado Civil: Casado ☐
F Solteiro ☐

5. Natural de ____

6. Habilitações:
Não lê nem escreve ☐
Lê e escreve ☐
Fez exame de 4a. classe ☐
SMP ☐
SMA ☐
Curso Superior ☐ Universidade:

7. Profissão:______________________________________

8. Chegou a Lisboa em:_____/____/____________________

9. Profissão dos Pais: Pai____________________________
Mãe____________________________

10. Naturalidade dos Pais: Pai__________________________
Mãe__________________________

11. Morada:____

12. Vive: a) Só ☐
Na Companhia de Pai ☐ Mãe ☐
Pai e Mãe ☐ Tios ☐
Primos ☐ Amigos ☐
Timorenses ☐
Outros ☐

b) Em Pensão ☐
Em casa alugada ☐
Em casa própria ☐

13. Recebe Subsídio: Sim ☐ De quem?__________
Não ☐

14. Está a estudar: Sim ☐ Não ☐ Onde:_____________

15. Recebe bolsa de estudo: Sim ☐ Não ☐ De quem?___________

16. Trabalha e estuda: Sim ☐ Não ☐ Onde?_____________

17. Que lingua-s fala?
Português ☐
Inglês ☐
Tetum ☐
Outros ☐ Quais:____________

BIBLIOGRAFIA

Raymond Aron, *As Etapas do Pensamento Sociologico*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1991.

O.S. Barata, *Introdução às Ciências Sociais*. Vols. I e II. Venda Nova: Bertrand Editora. 1991.

R. Benedict, *Padrões de Cultura*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil. 1991.

P.L. Berger e Thomas Luckman. *A Construcção Social da Realidade*. Petrópolis: Editora Vozes. 1985

E. Chinoy, *Sociedade. Uma Introdução à Sociologia*. São Paulo: Editora Cultrix. 1967.

J.B. Duarte, Barlaque. In *Seara* 2 (Dili, 1964) 92-119.

E. Durkheim, *As regras do Método Sociologico*. Lisboa: Editorial Presença. 1991.

H.A. Esteves Felgas, *Timor Português*. Agência Geral do Ultramar, Lisboa, 1956.

R. Fox, *Parentesco e Casamento*. Lisboa: Col. Vega Universidade. 1986.

FUNU Timor Leste Independente. Boletim da Comissão para os Direitos do Povo Maubere, Nọ. 17, Dezembro 1987.

F. Jacob, *Análise Weberiana da Cidade de Dili*. Trabalho Inédito. Universidade Gregoriana, Roma, 1988.

------, *Timor, Exílio, Cultura*. Trabalho Inédito. Bruxelas, 1992.

------, *Reflexões da Clandestinidade*. Trabalho Inédito. Bruxelas, 1992.

------, *Anthropology and History*. Trabalho Inédito. Universidade de Oxford, 1993.

G.P. Murdock, *A Estrutura Social*. Lisboa. 1964.

R. Quivy e Luc v. Campenhoudt, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva Publicaçòes. 1992.

G. Rocher, *Introduccion a la Sociologia General*. Barcelona: Editorial Herder. 1983.